

Murilo Otávio Menezes Costa

**A UTILIZAÇÃO DE ESPAÇOS PÚBLICOS DA CIDADE COMO POSSIBILIDADE
PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG

2019

Murilo Otávio Menezes Costa

**A UTILIZAÇÃO DE ESPAÇOS PÚBLICOS DA CIDADE COMO POSSIBILIDADE
PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Ms. Luiz Gustavo Nicácio

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG

2019

A todos os Professores, Funcionários, Alunos da Universidade Federal de Minas Gerais que de alguma maneira contribuíram na minha formação pessoal e profissional. Em especial aos professores da área de Educação Física Escolar que me fizeram acreditar na contribuição do trabalho docente para uma sociedade mais justa e assim enxergar grandes possibilidades para a atuação na escola.

Aos meus Pais, Irmãos, Familiares e Amigos pelas boas conversas e resenhas que me fazem viver de uma maneira mais leve.

A memória do meu Irmão que foi um grande exemplo de ser humano.

%Ó Pai, não deixes que façam de mim o que da pedra Tu fizestes. E que a fria luz da razão não cale o azul da aura que me vestes.+(Vander Lee)

%Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo.+(Paulo Freire)

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo principal analisar a utilização dos espaços públicos da cidade como possibilidade para a Educação Física (EF) Escolar pelos professores de escolas municipais de Belo Horizonte, pensando na educação para e pelo lazer. Buscou compreender melhor a relação existente entre EF escolar e lazer, a percepção de professores de Educação Física sobre essa relação e uma reflexão sobre os espaços públicos. Procurou em um primeiro momento fundamentar teoricamente os temas que envolvem o estudo - escola, EF escolar, lazer, espaço público . para em um segundo momento buscar compreender e pensar alternativas nas relações entre Educação Física escolar, lazer e espaços públicos, observando a opinião e o entendimento dos professores sobre essas relações. Foi utilizado como procedimento técnico para a pesquisa um estudo descritivo, tendo como instrumentos de coleta de dados a utilização da análise documental e de entrevistas semiestruturadas com dois professores de Educação Física em duas escolas diferentes da rede municipal de Belo Horizonte. O estudo percebeu que a utilização dos espaços públicos da cidade pode ser uma possibilidade interessante para as aulas de EF escolar, podendo ser rico para a formação da cidadania, da conscientização e valorização, para a construção da própria cidade. Além de promover uma melhor relação entre a EF escolar e o lazer, contribuindo para uma valorização de ambas as áreas e da própria ligação entre elas.

Palavras-chave: Educação Física Escolar. Espaço Público. Lazer.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 OBJETIVOS	9
2.1 Objetivo Geral	9
2.2 Objetivos Específicos	9
3 JUSTIFICATIVA	10
4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
4.1 Escola	11
4.2 Educação Física Escolar	13
4.3 Lazer e Espaço Público	17
4.4 Educação Física e Lazer	22
5 METODOLOGIA	25
6 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS E DOS DOCUMENTOS	28
6.1 Sujeitos Professores	28
6.2 Lazer como objeto de educação	29
6.3 Lazer como veículo de educação	32
6.4 Educação Cidadã	36
6.5 Formação para o uso dos espaços públicos	38
6.6 Análise dos Projetos Políticos Pedagógicos	41
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	49
APÊNDICE	52
ANEXO I	53
ANEXO II	60

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como princípio investigar a relação entre a Educação Física (EF) escolar e o Lazer, através da utilização dos espaços públicos da cidade. Pensando possibilidades para uma relação que pode contribuir para a formação dos sujeitos presentes no ambiente escolar.

O interesse pelo estudo dessa relação entre as duas áreas do conhecimento surgiu através do processo pelo qual passei ao longo da vida e dos anos que vivenciei algumas possibilidades que a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) traz. A EF sempre esteve muito próxima devido à presença na família de Professores da área na escola básica e por ter uma relação muito forte com o esporte, principalmente o futebol. Toda minha adolescência e juventude foi uma busca pelo sonho de se tornar jogador de futebol profissional, chegando a se profissionalizar de uma maneira bem rápida. Essa relação e vivência foi o principal motivo para escolher um ensino superior na área.

Quando optei por entrar no curso de EF o primeiro objetivo era me formar professor e trabalhar no ambiente escolar, isso surgiu tanto pelos exemplos já citados como uma questão pessoal de entender que na escola poderia contribuir para uma melhor educação dos sujeitos, dialogando com uma fala de Paulo Freire: *“Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo”*. Porém, ao ingressar na UFMG, pude observar que para além da educação escolar há diversas outras maneiras de se contribuir para sociedade mais justa, mais democrática e uma delas é através do Lazer, que visto como uma dimensão de nossa cultura (GOMES, 2004) pode contribuir junto a Educação para a formação de sujeitos mais atentos as realidades sociais. Essa percepção veio através da participação no movimento estudantil, principalmente quando compus a gestão do Diretório Central dos Estudantes (DCE) - UFMG, participando ativamente do núcleo de Esportes e Lazer pude conversar/debater com estudantes de vários cursos e de diferentes áreas algumas questões referentes ao lazer, e talvez a principal fosse à utilização dos espaços e tempos da universidade para além do horário de aulas dentro das salas (se utilizava muito o termo *“espaços de convivência”*). A percepção ainda ganhou um reforço a partir de algumas disciplinas que cursei ao longo da graduação - sendo importante citar a disciplina de

Educação Física e Lazer+ no terceiro período . e a participação desde agosto de 2017 do Programa de Educação Tutorial (PET) Educação Física e Lazer, que trabalha os três pilares da universidade - ensino, pesquisa e extensão.

A partir daí comecei a perceber algumas relações que existem entre as duas áreas (EF escolar e Lazer), que foram as que eu mais me identifiquei e que por vezes não conseguia ver relação. Comecei a questionar e a perguntar professores e alunos do curso de EF da UFMG sobre a possibilidade dessa ligação entre os dois campos. Alguns falavam: %Eu não consigo entender bem a relação entre EF escolar e Lazer+, outros questionavam sobre o lazer dentro da escola, e outros até viam relação demais. Como eu queria compreender como essas dimensões estão ligadas resolvi pensar em possibilidades. Uma das primeiras questões era como essas duas áreas se relacionam dentro do espaço escolar e o porquê. Pensando o Lazer como %uma necessidade humana e dimensão da cultura que constitui um campo de práticas sociais vivenciadas ludicamente pelos sujeitos, estando presente na vida cotidiana em todos os tempos, lugares e contextos+(GOMES, 2011, p.17) e em sua relação histórica com a EF (MELO, 2003), pude observar uma importância da existência dessa relação e também que havia um sentido/lógica dessa ligação. Porém, o lazer é visto muitas vezes na sociedade de uma maneira pejorativa, em contraste com o trabalho . dito tempo produtivo . e relacionado com um tempo não produtivo, que devido ao processo histórico de organização dos tempos após a revolução industrial é um tempo desvalorizado, visto como algo ruim (GOMES, 2014). E isso poderia ser entendido de uma maneira negativa na EF escolar, visto também que é uma disciplina que ainda passa por um grande processo de legitimação. Onde González e Fensterseifer (2009) pensam que a EF %é encontrada entre o não mais e o ainda não, ou seja, entre uma prática docente na qual não se acredita mais, e outra que ainda se tem dificuldades de pensar e desenvolver+. Observando que a EF não deve ser mais uma prática docente que reproduz características de instituições fora da escola, mas que também não se tem ao certo qual seria a prática docente própria da EF escolar. A partir dessas reflexões tentei pensar em questões que tornassem a relação das áreas algo produtivo e valorativo para ambas. E um ponto que surgiu, devido também ao meu histórico na universidade, foi à questão da utilização dos espaços públicos da cidade pelos professores de EF. Por exemplo, através das aulas de EF os professores poderiam apresentar aos seus alunos questões relacionadas à utilização de espaços públicos

da cidade (uma questão da área do Lazer). Pensando em Belo Horizonte - onde resido e onde se encontra a UFMG - existem espaços públicos como praças e parques e que muitas vezes são subutilizados pela população (devidos a diversos fatores). Como os professores poderiam utilizar e problematizar esses espaços? Eles iriam apenas levar os alunos ao espaço e eles se apropriariam da sua própria maneira ou os professores dariam aula de EF nos espaços Públicos?

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

- Analisar a utilização dos espaços públicos da cidade pelos professores de EF de escolas municipais de Belo Horizonte, pensando na educação para e pelo lazer e qual seria o significado dessa utilização pelos professores.

2.2 Objetivos Específicos

- Analisar o entendimento de professores de EF de duas escolas municipais de BH sobre o lazer nas aulas de EF.
- Investigar possibilidades do lazer na EF escolar.
- Refletir sobre a utilização de espaços públicos da cidade em diálogo com a Educação Física escolar.

3 JUSTIFICATIVA

O presente estudo visa compreender melhor a relação entre EF escolar e o Lazer, áreas que se relacionam a um bom tempo (GOMES, 2003) e que apresentam diferentes possibilidades, podendo se restringir ou não dependendo de como é observada essa relação (SILVA, 2011). A compreensão da relação entre essas áreas, dimensões da cultura construída historicamente pela humanidade, pode contribuir para a compreensão de diferentes conhecimentos e possibilidades dos sujeitos/alunos se relacionarem com mundo.

Escolher a utilização dos espaços públicos da cidade através da cultura corporal do movimento pelos professores das escolas de Belo Horizonte dialoga a relação entre EF escolar e o Lazer. Pensando a ideia original de cidade, de polis, como uma possibilidade de pessoas diferentes se relacionarem estabelecendo um contrato político entre elas (ROLNIK, 2000), os espaços públicos podem ser compreendidos como esse local de ~~ser/fazer cidade~~, onde os sujeitos (seres políticos) se encontram para se relacionarem de diferentes modos, inclusive em seus momentos de Lazer, se tornando assim um espaço a ser problematizado pelos estudos da área. O presente estudo pode contribuir no entendimento desses espaços públicos a partir de uma valorização de seus usuários, por exemplo a partir da cultura corporal de movimento (objeto de estudo da EF escolar). E é aqui que a relação entre o Lazer e a EF escolar entra, visando contribuir na problematização desses espaços através da educação para e pelo lazer (MARCELLINO, 1996) nas aulas EF escolar. Educando os sujeitos/alunos para que se apropriem e valorizem os espaços públicos através da cultura corporal de movimento de maneira crítica, para que esses espaços se tornem realmente um local de relações políticas, local de se construir a polis.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

4.1 Escola

É interessante pensar, antes de investigar as relações entre a área da EF escolar e do Lazer, o ambiente, o local onde essa relação irá acontecer, a Escola. Um local que é circulado de questões e dúvidas sobre a sua real função, sobre o seu objetivo e papel dentro da sociedade. Papel esse que será visto no presente trabalho com uma aproximação de um posicionamento pessoal sobre papel que acredito ser da escola, um papel de formação de sujeitos críticos . através da Educação - para com o mundo, que irá procurar problematizá-lo de maneira a pensar uma sociedade mais igualitária. Essas questões de dúvidas sobre o papel da escola não devem ser vistas como algo ruim ou problemático, mas de um modo positivo, de se fazerem necessárias e que serão saudáveis para se pensar de uma melhor maneira esse local. E o que seria a %melhor maneira+?

Todas as formas de se posicionar em relação a algo (alguém, instituição, ação), tem um viés histórico dos sujeitos que estão se posicionando. E o modo como analisarei essa possível %melhor maneira+ não fugirá desse viés histórico, que inclusive já comentei anteriormente. Desse modo, dialogando com González e Fensterseifer (2009) vejo a Escola como uma instituição republicana. Pensando em um local estabelecido, instituído pela sociedade para cumprir uma função social, algo que vai para além de um único indivíduo, algo que nos %antecede+e é comum a todos, é de interesse público. Desse modo a escola não se justifica em si mesmo, ou seja, ela só faz sentido analisada dentro de um contexto social, em sua relação com a sociedade que está em sua volta. E que relação e função social é essa?

A Escola pode ser pensada como um local único, com sua própria identidade, com sua própria responsabilidade e expectativa social (VAGO, 2009). Um espaço social, onde a educação formal se dá . pensando que existem outras formas de educação, como a familiar, por exemplo - e que deve ser pensada como algo em constante transformação, parte de um sistema maior e que com ele não tem uma relação mecânica, mas sim em constante tensionamento (FREIRE, 1980). E é partir dessa relação conflituosa que se pode pensar a função social da escola. Que para além de ser uma instituição que irá transmitir os conhecimentos construídos historicamente pelas sociedades, a sua cultura - dialogando com Chauí (1989) é

vista aqui como produção e criação da linguagem, da religião, dos instrumentos de trabalho, das formas de lazer, da música, da dança, dos sistemas de relações sociais, particularmente os sistemas de parentesco e as relações de poder. Com toda a sociedade participando com seus símbolos e signos, práticas e valores - ela tem o dever de problematizar, de reproduzir de uma maneira melhorada esses conhecimentos (GONZÁLEZ E FENSTERSEIFER, 2009). Vago (2009) fala de um local das, entre e de culturas. Pensando a escola como um lugar de transmissão das culturas (FORQUIN, 1993)¹ produzidas pelo ser humano ao longo do tempo (das), um lugar que estabelece relação com outros espaços produtores de culturas, portanto localizado entre as culturas (entre), e um local onde os sujeitos ali presentes trazem consigo uma cultura por eles enraizada de seu contexto individual/social e por eles produzidas. Que irão circular e se relacionar produzindo desse modo novas culturas, próprias do ambiente escolar (de), com seus próprios códigos e critérios (VAGO, 1996, p.7). Ou seja, a Escola não vai só transmitir os conhecimentos produzidos historicamente pelas sociedades e nem só transmiti-los de maneira melhorada, ela vai também produzir uma própria cultura. Cultura essa que Forquin (1992), comenta como algo que irá transformar a transmissão daqueles conhecimentos historicamente construídos pela sociedade de uma maneira didática, com uma transposição didática desses conhecimentos com características próprias (tempo, espaço, ritmos, controles, avaliações) da escola para que os sujeitos ali presentes possam entendê-los. O autor ainda completa (não contrapondo, mas acrescentando) que é possível se pensar, se questionar se a escola realmente apenas faz a transposição de conhecimentos de uma cultura já existente, ou se ela também produz conhecimentos próprios, conhecimentos específicos da escola, didáticas próprias, saberes típicos. Pensando que sim, Forquin conclui dizendo que as culturas, internas e externas transmitidas pela escola se interagem, se influenciam. Desse modo a escola trás para si um papel importante de influenciar de um modo crítico e reflexivo sobre as situações que uma sociedade passa em um determinado tempo.

4.2 Educação Física Escolar

1

Para entender melhor a ideia de transmissão cultural, ler FORQUIN (1993) - *Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar*.

Após pensar o local em que o Lazer e a EF escolar irão se relacionar no presente estudo, é importante comentar sobre cada uma dessas áreas, a começar pela EF escolar. A educação física, segundo Bracht e Gonzales (2005) irá surgir junto dos Estados Nacionais modernos, relacionado as suas características econômicas, sociais, de produção capitalista dos estados, de formação dos sistemas de ensino, de legitimação da ciência como maneira de entender a realidade. A medicina nesse contexto é que irá contribuir para pensar a função social da educação física através de um conhecimento biológico para uma promoção da saúde relacionado também ao higienismo. Pensando assim em desenvolver os corpos e as potencialidades humanas para uma nova ordem social capitalista que estava surgindo - desenvolver os corpos para o trabalho, para a produção. O corpo saudável e forte era algo interessante para que os estados nacionais se desenvolvessem. E nesse contexto, a escola foi uma das estratégias utilizadas para aumentar a difusão da educação física. feita pela ginástica nesse momento - para que a ideia do corpo saudável pudesse ser ampliada para mais pessoas (BRACHT, 2001).

Relacionado fortemente com a visão biológica do corpo, a EF brasileira dentro da escola foi influenciada ao longo do tempo por algumas instituições, como a instituição militar com seus métodos ginásticos, utilizando das práticas corporais como forma de obter aptidão física, hábitos higiênicos, formação do caráter. Essas práticas foram muito presentes até o fim da ditadura do estado novo que coincide com o fim da segunda guerra mundial, onde a influência da instituição esportiva cresce rapidamente e a educação física escolar passa a ser pensada como base da pirâmide esportiva (formadora de atletas), com características específicas do esporte, como o rendimento e a competição exacerbada, por exemplo (BRACHT, 1997a). Essa visão da Educação Física escolar, a partir anos 80, começa a ser repensada por um movimento denominado de renovador, surgindo junto ao contexto de redemocratização e abertura política (contexto esse que perdurou até 1985 com a eleição do primeiro presidente pós ditadura) que o Brasil passava em relação a um processo de Ditadura Militar desde 1964 (BRACHT; GONZALES, 2005). Pensando no contexto da educação, algumas propostas surgiram, questionando o modelo que era atual da EF na escola. Vale destacar aqui entre as propostas, aquelas de concepção crítica da EF, que buscavam problematizá-la de maneira a contextualizar

o seu conteúdo na sociedade capitalista em que vivemos, com todas suas contradições. Ou seja, uma visão de EF que procurava se inserir como um conteúdo escolar, com características próprios da escola, com saberes necessários a formação dos sujeitos (que iria problematizar aqueles saberes escolhidos para serem transmitidos da cultura humana) (BRACHT; GONZALES, 2005). Desse modo, partindo de um pressuposto do local (escola) onde a EF está inserida irá surgir propostas sobre o que ela deve ensinar, transmitir aos sujeitos ali presentes. Saberes que irão dar um sentido para que a EF seja uma disciplina escolar, saberes próprios e não apenas copiados de instituições como dito anteriormente. Alguns termos irão surgir como Cultura Física (BETTI, 1992), Cultura Corporal (COLETIVO DE AUTORES, 1992), Cultura Corporal/Movimento (BRACHT, 1997a). Pensando tratar pedagogicamente aqueles conhecimentos construídos historicamente pelos seres humanos relacionados à expressão corporal, como jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímica e outros. (COLETIVO DE AUTORES, 1992). Práticas construídas e vivenciadas pelos homens ao longo de sua história que constituiu a cultura relacionada a expressão corporal. Porém, vale ressaltar a importância de se trabalhar/pensar essa cultura de maneira plural com um tratamento pedagógico na escola, visto que a ginástica e o esporte foram em determinadas épocas os elementos da cultura corporal/movimento que predominaram e foram trabalhados dentro da escola, mas sem o trato pedagógico que esses autores imaginam. (BRACHT, 2001). E quando se diz plural, é no sentido de começar a encarar o movimento humano para além do sentido mecânico-fisiológico e entendê-lo como fenômeno cultural que sofre influência de determinantes sócio-político-econômicos e assim devendo ser problematizado de maneira a criar uma consciência crítica sobre esse movimento. Criticidade sendo entendida para além da cognição, levando para o lado da estética e da sensibilidade, significando dizer de uma incorporação não via discurso, e sim via práticas corporais de normas e valores que orientam gostos, preferências, que junto com o entendimento racional determinam a relação dos indivíduos com o mundo (BRACHT, 1997b, p.22). O autor ainda conclui que a racionalidade científica não deve subsumir a sensibilidade, mas também não pode ser absoluta, sendo o movimento não separado do pensamento, entendendo que os dois caminham juntos (BRACHT, 1997b).

Optando pelo caminho da cultura como delineador da EF escolar, os autores

. além de aproximar os objetivos da EF aos objetivos da escola . abrem um leque de possibilidades para o campo. Colocando-o no mundo do simbólico, no mundo dos significados. Dialogando com Pino (1993) é possível compreender de uma maneira mais simples esse entendimento. Onde o homem através da criação ao longo do tempo de instrumentos, tanto materiais (instrumentos técnicos) como simbólicos (signos, linguagens), ganha o poder de transformar a natureza, as coisas e o próprio homem. Se deslocando para um novo mundo, o mundo do simbólico, o mundo da cultura. Transformando de um ser natural - de ordem biológica, que apenas sofre influência das leis da natureza que preexistem ao homem . para um ser cultural. A criação desses sistemas de instrumentos - técnicos para o trabalho junto ao mundo material e dos signos junto ao mundo social - não são simples criações, carregam consigo um conjunto de significados que o homem ali colocou, são objetos do conhecimento humano e que para além de falar do próprio ser que o criou fala ao outro, se tornando assim um objeto cultural, um objeto do mundo simbólico, um mundo de significações (PINO, 1993). Esse modo de ver a cultura como bem simbólico ~~%~~ distancia o seu entendimento como produto, objeto acabado, e se direciona para a percepção do processo social de produção cultural+ (NOGUEIRA, 2005, p.208), um dos pilares que concordamos fazer parte da escola. E o que esse entendimento pode trazer de colaboração para a EF escolar? Acredito que colabora para compreender a importância da EF na escola e no mundo do ser humano, que é cultural. Uma vez no plano dos significados reconhecemos que as práticas corporais estão presentes em um determinado contexto que foi criado pelos homens o longo do tempo e está presente em uma cultura carregada de significados e que influenciam diretamente sobre o corpo dos sujeitos presentes nessa sociedade (inclusive os alunos). Levando ao professor de EF entender que os sujeitos ali presentes em sua aula carregam consigo diferentes significados que trouxeram junto de seu contexto. A partir disso e reconhecendo que esses significados participam de um processo conflituoso de relações de poder, onde grupos sociais sobrepõem seus significados sobre o de outros grupos sociais (NOGUEIRA, 2005), o professor pode contribuir para que esses alunos construam novos significados - produzindo cultura - sobre as práticas corporais que historicamente estão presentes em nossa cultura, trazendo um novo sentido da cultura corporal do movimento para esses sujeitos, tanto na questão do movimento, da prática, como dos conhecimentos teóricos, políticos, que envolvem a cultura. O futebol, por exemplo, que pode ter um

significado na sociedade brasileira como algo jogado por homens . já que o futebol feminino no país é desvalorizado . , pode ser trabalhado através de outro significado dentro da escola pelo professor, valorizando a participação feminina. Para além das práticas corporais organizadas, a EF, pensada ao mundo da cultura possibilita aos sujeitos a pensar/entender seu corpo de uma maneira diferente, com novos significados. Diferente, por exemplo, da visão/modelo transmita muitas vezes pela sociedade de um corpo %adio+, magro, alto, %definido+.

Desse modo, optar pela cultura corporal do movimento como objeto central do ensino da EF nas escolas faz com que para além de trabalhar as práticas corporais historicamente construídas e vivenciadas pelos homens ao longo do tempo, os professores de EF entendam que essas práticas carregam significados importantes com elas que ao longo do tempo se modificam e trazem consigo sentidos de acordo com as instituições/pessoas que a pensam, e a pensam em um determinado contexto. Contribuindo assim para se criar novos significados para essas práticas dentro da escola de acordo com os sujeitos culturais ali presentes.

Importante se destacar a partir desse histórico exposto, que é interessante notar que as visões de EF ao longo do tempo criada pelos vários autores (e pelo próprio Estado), desde a opção da ginástica e do esporte como práticas principais da EF ao movimento renovador com suas abordagens, podem ser vistas como generalizações para serem analisadas, com o objetivo de %abarcar tempos históricos amplos e produzir uma visão sintética desses processos+(RODRIGUES; BRACHT, 2010, p. 95). Visto que é improvável que as diversas práticas da EF nos contextos nas diferentes escolas sejam contempladas por essas visões. O chão da escola e os seus processos são muito mais amplos para serem analisados apenas por visões %oficiais+da EF. E isso é o que configura a cultura escolar (citada anteriormente no texto com Forquin). Onde não há uma mera transmissão de conhecimentos do que os meios %oficiais+pedem dos conteúdos e sim uma mistura desses conhecimentos com o que o professor aprendeu em seus estudos, em suas práticas e suas próprias ideologias. Surgindo desse modo, como comenta Rodrigues e Bracht (2010), uma produção cultural na escola.

4.3 Lazer e Espaço Público

O Lazer no presente trabalho é entendido como necessidade humana e uma dimensão da cultura construída pelos seres humanos ao longo de sua história. Algo que (GOMES, 2011,2014) irá trazer contrapondo a visão dita hegemônica que coloca o Lazer como estritamente relacionada ao tempo de trabalho, sendo desse modo concebido como um tempo livre ou tempo do não trabalho, livre das diversas obrigações. Uma visão, que segundo a autora, limita em alguns sentidos o fenômeno do Lazer. Se pensarmos que atualmente as formas de organização de trabalho mudaram, com tempos distintos, tecnologias que permitem trabalhar de diferentes formas, começamos a perceber que a relação tempo de trabalho, tempo de não trabalho (Lazer) não fica tão separada, os tempos ficam difíceis de se demarcar. E ainda tem um outro lado, pois se acreditarmos apenas nessa relação restrita de trabalho-lazer iremos falar de uma relação ser humano-trabalho-organização dos tempos que se inicia a partir da revolução industrial na Inglaterra e que remete a uma parte do mundo, o Ocidente. Excluindo desse modo as outras diversas organizações do tempo que existiram antes do fenômeno da revolução industrial e que atualmente coexiste em outras múltiplas realidades sociais no mundo, negligenciando desse modo tanto outros projetos políticos como as outras dimensões da vida social além do trabalho coletivo (GOMES, 2014). É nessa perspectiva que a autora vai falar da importância de se procurar entender o fenômeno do Lazer para além da visão hegemônica. Como um fenômeno que é uma necessidade humana e uma dimensão da cultura . mesmo não tendo em alguns contextos um termo específico para o Lazer . que está presente no cotidiano dos seres humanos como uma vontade, uma necessidade de desfrutar prazerosamente, de fruir as diferentes práticas sociais presentes nas mais diversas culturas de maneira lúdica (GOMES, 2011) . entendido aqui como uma expressão humana de significados da/na cultura referenciada no brincar consigo, com o outro e com o contexto+(GOMES, 2004, p.145). Necessidade essa que irá variar de acordo com os interesses, contextos, culturas em que os sujeitos estão inseridos. Reforçando assim a ideia de que o Lazer precisa ser tratado como um fenômeno social, político, cultural e historicamente situado+(GOMES, 2011, p.17).

A partir do entendimento do lazer como uma dimensão da cultura ele se torna um fenômeno que está em constante relação com os contextos sociais em que ele se faz presente, influenciando e sendo influenciado por esse contexto. Podendo, desse modo, o tempo do Lazer ser um questionador da realidade desses contextos,

ser um influenciador de modo que os sujeitos reflitam criticamente sobre eles. Pensando em uma sociedade específica, a capitalista (a qual nos encontramos), precisamos questioná-la de diferentes maneiras e em diferentes tempos para que se diminua a desigualdade produzida por esse sistema. O Lazer, nesse ponto, pode contribuir como um desses tempos para que os sujeitos questionem essa característica de sociedade, vivenciando valores que denunciam a estrutura vigente, e não apenas reproduzindo seus valores (MARCELLINO, 2007). É importante destacar que a vivência crítica das manifestações culturais aqui defendida no tempo de Lazer não tira as características do desfrute prazeroso e lúdico dessas manifestações, mas sim como uma possibilidade de pensarmos em vivências mais livres de amarras a qual os sujeitos sofrem influências e para que possam ser momentos formadores e conscientizadores - visão essa que está de acordo com todos os pontos que foi construído ao longo do texto tanto para a Educação como para a EF. Destacando desse modo algo que o autor comenta como a dimensão menos valorizada do lazer, a de desenvolvimento que ele pode proporcionar. Desenvolvimento esse que está relacionado com um termo utilizado pelo próprio Marcellino (1996) em outro momento, o duplo aspecto educativo do lazer, a educação para e pelo lazer. Onde ele é visto tanto como objeto quanto veículo de educação. Ou seja, as pessoas podem ser educadas para o lazer e serem educadas pelo lazer - uma perspectiva interessante visto a defesa do tempo do lazer como algo questionador, com uma perspectiva mais crítica. Em relação ao lazer como veículo de educação, o autor destaca a possibilidade de se cumprir objetivos tanto consumatórios de relaxamento, prazer, como objetivos instrumentais, de compreensão da realidade. Pensando na possibilidade do tempo de lazer contribuir para o desenvolvimento pessoal, social, da sensibilidade para com o próximo. Um exemplo é a conscientização . que pode ser gerada - de ser preservar um espaço público através de sua utilização pelos sujeitos. Observando o lazer com objeto de educação, o autor comenta que para os sujeitos vivenciem seu tempo de lazer de uma maneira mais consciente e tenham mais possibilidades de práticas, contemplações, presentes na cultura é necessário aprendizado, uma educação para o lazer - não fazendo aqui juízo de valor se uma prática ou contemplação são melhores do que outras, mas pensando em vivenciar esse tempo de maneira que os sujeitos entendam mais sobre o que estão vivenciando e aumentem o seu leque de possibilidades. Um exemplo clássico em nosso contexto são os jogos de futebol,

onde se pode assisti-los de maneira a torcer por um time, mas para além de torcer por um time pode se analisar outras questões ali presentes como a influência da mídia no futebol brasileiro. Em relação a questão de se ampliar as possibilidades através da educação para o lazer, também é algo legal de se destacar. Visto que existem muitas possibilidades para se fazer no momento do lazer - desde ler um livro, a ver um filme, a praticar uma atividade física, a contemplar uma apresentação, a conversar em um bar - que se não forem apresentados para os sujeitos eles nem saberão que existem (ou até saberão, mas não serão estimulados a conhecer, a desfrutar). A televisão, as redes sociais, por exemplo, podem inibir muitas vezes os sujeitos de procurarem vivenciar e conhecer algumas práticas como ir ao museu, a um teatro, praticar uma atividade física diferente. Marcellino (2006) ainda destaca algo interessante da educação para o lazer, se questionando sobre como pensar nessa educação sendo que o prazer, a livre escolha, a ludicidade, são características do tempo de lazer. Ele conclui de uma maneira sucinta e que concordo plenamente: Creio que a escolha será mais autêntica quanto maior for o grau de conhecimento que permita o exercício da opção entre alternativas variadas. (MARCELLINO, 2006, p. 51).

Desse modo, pensando na perspectiva da educação para e pelo lazer é que fazemos um adentro na questão dos espaços públicos da cidade ou espaços urbanos (delimitando aqui a questão do espaço como sendo urbano devido ao fato de ser o contexto em que o trabalho está sendo realizado). Procurando pensar como o Lazer pode estar nesse espaço contribuindo para um maior uso e um uso consciente. E é importante destacar que o termo espaço urbano é utilizado em referência a equipamentos específicos e não específicos de lazer (MARCELLINO, 1996). Espaços criados com o intuito de serem utilizados para atividades de lazer (específicos) . parques, museus, cinemas, praças . e espaços que não foram feitos pensando nas atividades de lazer, mas que acabaram sendo utilizados pelas pessoas para esse fim . bar, casa, rua.

Procurando entender a cidade na origem da palavra, polis, como um espaço de relação política entre as pessoas, os cidadãos, pensa-se em um princípio da igualdade de diferenças, onde pessoas diferentes convivem no mesmo espaço, saindo de sua vida privada e indo até o outro se socializando (ROLNIK, 2000). A autora ainda completa dizendo que para além da convivência de pessoas com características diferentes a vida na cidade constitui-se também pela participação

dessas de um contrato social que tem caráter público; contrato tácito baseado na palavra e na persuasão, na não-violência e na não-força.+(ROLNIK, 2000, p. 182). Algo que permite que as pessoas vivam entre si de uma maneira no mínimo harmônica, sem que a violência seja a solução de problemas (na maioria dos casos ao menos). Esse destaque é importante pensando que através da utilização dos espaços públicos de lazer do modo como a cidade (polis) foi pensada e através do contrato social, as pessoas além de se relacionarem umas com as outras em suas diferenças elas constroem de certa forma a cidade, um espaço comum aos cidadãos. E conscientizar as pessoas para - o lazer tem essa possibilidade - a utilização, valorização, construção, desses espaços é algo interessante, visto que retoma a ideia inicial de cidade podendo promover um maior diálogo dessas pessoas, uma maior socialização e conseqüentemente uma maior participação junto as deliberações da cidade, buscando de certa uma melhoria da qualidade de vida, incluindo ai os momentos de lazer.

Pensar os espaços de lazer nas cidades é também pensar nas diversas possibilidades dos momentos de lazer. Marcellino (2006) diz que para democratizar o lazer é necessário democratizar o espaço. Para se pensar nas possibilidades, na efetivação das características do lazer, esse tempo disponível precisa de um espaço disponível. Ou seja, para pensarmos em uma sociedade que valorize mais os momentos de lazer, os espaços públicos têm um papel importante. Claro que há possibilidades de lazer dentro de casa, juntos a novas tecnologias, mas a partir dos espaços públicos o leque de possibilidades do lazer são muitos, inclusive para proporcionar uma vivencia mais crítica para com a realidade em que vivemos. Até para pensar na educação para e pelo lazer a existência desses espaços é algo importante, entendendo que a utilização desses também é uma ampliação de vivências no tempo do lazer além de promover através da utilização um maior entendimento da importância de valorização desse tempo de prazer, de divertimento, de ludicidade.

Junto a isso surgem diversas questões que afloram as cidades e o modo como elas foram pensadas, como crescimento desordenado, a infraestrutura básica para as pessoas, a questão do acesso à moradia, a criação de grandes vias de circulação das pessoas na cidade. Questões essas que influenciam diretamente nos espaços públicos de lazer, pensando na sua localização, no acesso da população a esses espaços, na qualidade deles, no poder público conscientizar para uma melhor

utilização por parte da população e na própria promoção desses espaços por esses poderes - a concentração de espaços públicos de lazer mais organizados, com mais infraestrutura, com mais possibilidades em determinadas regiões nobres das cidades é um exemplo mais claro referente a essas questões (MARCELLINO, 2006). E assim, os locais privados (como em outros aspectos, saúde, educação) que promovem o lazer ganham muita força, ofertando com qualidade, maiores vivências para os momentos de lazer que o espaço público não oferecem, porém a preços não acessíveis a grande parte da população, impossibilitando-os de vivenciar desse modo mais possibilidades do lazer. Não que seja ruim a presença desses espaços privados para o lazer, mas quando apenas esses espaços imperam a gente perde aos poucos aquelas características primordiais de cidade em que defendemos e criamos também uma desigualdade de acessos a várias manifestações. Além de tirar de certa forma as responsabilidades do poder público de investir nesses espaços e momentos de lazer, que no Brasil é um direito social presente na constituição (BRASIL, 1988).

Todas essas questões citadas e várias outras precisam chegar na população de forma que reflitam, questionem, debatam sobre esses assuntos. Procurando buscar algo que é um direito e muitas vezes não é oferecido pelo poder público. Porém, as pessoas não irão se tornar esclarecidas sobre seus direitos de uma hora para outra, é necessário que essas informações cheguem a elas, que elas sejam educadas para esses questionamentos. E aí voltamos na questão da educação para e pelo lazer, onde a escola e suas disciplinas podem e devem trabalhar o lazer e suas características para que as pessoas tenham acesso as essas informações e a esse bem presente na nossa cultura. A EF escolar está entre essas disciplinas e através de seu conteúdo - a cultura corporal do movimento - poderá trabalhar de maneira a formar sujeitos críticos para a vivência do tempo de lazer. Sendo a utilização e valorização dos espaços públicos da cidade uma das possibilidades dessa formação, visto que esses espaços são muito utilizados através de práticas corporais presentes no conteúdo da EF escolar.

4.4 Educação Física e Lazer

A Educação Física e o Lazer andam próximos nos dias atuais. É possível perceber quando se faz uma simples pesquisa dos currículos dos cursos de graduação em Educação Física. Porém, o Lazer entendido como uma dimensão da cultura e uma necessidade humana possibilita que outras áreas o estudem, como o Turismo ou a História, por exemplo. Sendo assim uma área multidisciplinar. Então de onde vem essa relação tão próxima com a Educação Física? Gomes (2003) diz que essa relação vem do envolvimento da Educação Física com a recreação que foi muito utilizada nas escolas infantis nos séculos XIX e XX. A recreação relacionada pela autora com o recreio, era um tempo de brincar e de prazer como uma compensação do excesso de esforço e que poderia ser promovido através de jogos. A autora cita as observações de Nogueira (1938) sobre a presença de jogos de recreio no programa de ginástica (que promovia a educação física dos alunos e alunas de seis a treze anos) da escola normal do Brasil criada em 1835. Os jogos foram vistos como atividades mais agradáveis que os movimentos ginásticos e calistênicos, devido também a ênfase dada na corrida, além de serem considerados educativos. Nos sistemas formais de ensino, os jogos relacionados com a recreação eram chamados jogos motores, as atividades rítmicas (as danças e as danças folclóricas, brinquedos cantados e marchas) e as dramatizações+ (GOMES, 2003, p.29), relacionando assim diretamente a recreação com a educação física das crianças. Para além do âmbito educacional, a Educação Física através da recreação foi utilizada para preencher os tempos livres e ociosos da população trabalhadora fora de seu serviço, visto como tempo de lazer. Através do vínculo entre educação física, recreação e lazer seria possível recuperar a força de trabalho dos operários, algo interessante para o processo de industrialização que se iniciava no Brasil nos anos de 1930 (GOMES, 2003). As atividades recreativas e as atividades físicas tiveram no Brasil um sentido de manutenção da saúde dos trabalhadores, pensando nos fatores de reorganização urbana da época, fazendo com que o profissional de educação física fosse escolhido como o de melhor perfil para atuar nos programas de lazer (MELO, 2003). O autor cita como principais programas os %Centros de Recreio+ também chamados de %Braças de Esportes+ que ocorreram em Porto Alegre e São Paulo.

Além da relação histórica entre as duas áreas, se percebe que ainda está presente na escola uma ligação criada ao longo do tempo entre a EF escolar e o lazer que desvaloriza ambas as áreas. Baseada no entendimento do lazer como

algo não produtivo, algo com menos valor do que o tempo produtivo do trabalho, um tempo visto como útil e a EF como uma disciplina na escola que não forma, não agrega na produtividade, na competitividade que o sistema propõe. Uma disciplina que serve apenas para descansar os alunos, ou ajudá-los a conviver bem com as pressões cotidianas enfrentadas na série de afazeres indispensáveis das outras áreas úteis do conhecimento (SILVA, 2011, p. 14). Ligação entre as duas áreas que pode ter sua origem tanto na desvalorização do tempo de lazer em relação ao tempo de trabalho quanto no processo da EF ao longo da sua história de busca por um reconhecimento e um significado dentro da escola. Independente de onde surge, é uma ligação perversa que afeta duas áreas presentes na cultura humana importantes de serem discutidas no cotidiano escolar.

Pensando nas relações entre as duas áreas é necessário que se discuta novas maneiras de se relacionarem para que ocorra uma maior reconhecimento e entendimento de ambas. A EF escolar tem seu objeto de ensino definido e seus objetivos especificados e se encontra em um local também com suas características definidas, a escola. Sendo assim, as aulas e o espaço não são momentos de lazer, mas esse pode estar presente e estabelece relações diretas com esse ambiente (VAGO, 2009). A escola no seu intuito de transmitir - de maneira a ser questionadora - a cultura construída historicamente do ser humano e através de sua produção cultural, formando sujeitos para viver em sociedade, tem o papel de se educar para o lazer como para o trabalho (ambos presentes na cultura), buscando relacioná-los e não dicotimizá-los (BRACHT, 2003). Desse modo o lazer é algo multidisciplinar, que pode ser trabalhado por todas as disciplinas na escola, cada uma com suas especificidades. A EF faz parte dessas disciplinas, porém, ela tem suas peculiaridades devido ao histórico e as relações que as áreas se encontram. E dessa maneira a EF na escola tem um papel fundamental para se discutir o lazer. Sendo importante destacar que as relações entre as práticas escolares (EF) e as outras práticas sociais assume um caráter que não é nem o de reprodução pura e simples nem tampouco o de oposição: trata-se de uma relação de tensão permanente entre elas (VAGO, 2009, p.28, *grifo meu*).

Observando a relação entre EF e lazer, Bracht (2001) irá comentar sobre a importância desse tempo do não trabalho na vida das pessoas, do tempo do Lazer. Algo que se tornou mais valorizado do que em épocas anteriores, onde as pessoas se identificam com o lazer, constroem suas identidades a partir dele, criando assim

possibilidades ou não do exercício da cidadania. O sistema percebendo esse crescimento da importância do lazer faz um investimento em indústrias próprias para esse tempo, transformando-o dessa maneira em uma mercadoria, entrando na lógica do consumo e conseqüentemente da alienação. A partir disso, pensando em uma escola que se pretende ser crítica aos tempos e saberes da sociedade, surge possibilidades de pensar e trabalhar maneiras de discutir o tempo do lazer em seu ambiente. E a EF como um componente curricular da escola não fugiria disso, mas pensaria em trabalhar nas especificidades de seus conteúdos uma vivência crítica da cultura corporal do movimento para que os sujeitos pudessem em seu tempo de lazer usufruir desses saberes de uma maneira mais crítica (BRACHT, 2001).

5 METODOLOGIA

Ao longo de sua história o ser humano sempre buscou através de suas práticas responder algo, procurando soluções para possíveis problemas. E nessa busca de respostas se elaborou diversos tipos de saberes, uns com mais sentidos para alguns, outros com mais sentidos para outros, percorrendo diferentes caminhos para se chegar às respostas. Caminhos e buscas essas que Pereira e Vieira (1999) chamam de construção de conhecimento.

Para se construir um conhecimento existem maneiras e atitudes diferentes de se buscar esses saberes. Uma se denomina de *“senso comum”*, que irá partir das vivências pessoais dos sujeitos, de suas experiências em atividades cotidianas, de suas observações que serão construídas de maneira mais imediata, sem um maior aprofundamento das questões e das dúvidas que se colocam em uma determinada situação. São denominados saberes comuns aos homens (GOMES; AMARAL, 2005). Uma outra maneira é através do conhecimento científico, que diferente do *“senso comum”* é um conhecimento mais sistematizado, organizado, que aprofunda para buscar uma resposta. Gomes e Amaral (2005) falam que a crítica ao *“senso comum”* se torna um caminho para o conhecimento científico, uma vez que a ciência irá buscar desmistificar algumas ideais dominantes presentes no cotidiano que são ditas sem uma problematização aprofundada. Porém as autoras completam citando Gramsci, em sua obra *“Concepção dialética da história”*, que uma não é melhor que a outra, elas se diferenciam no modo de sistematizar o conhecimento, sendo assim modos diferentes de representação da realidade.

Pensando a elaboração desse trabalho através de uma concepção científica de construção do conhecimento, algo essencial nesse alicerce é a pesquisa ou o ato de pesquisar. Vieira (1999) fala da pesquisa como uma atividade básica da ciência em sua busca de construção da realidade, que irá sempre contribuir na aquisição de novos conhecimentos frente à realidade cotidiana dos sujeitos. Desse modo, a pesquisa tem que ser algo organizado, metódico, analítico, para se propor uma construção de novos conhecimentos, tomando o cuidado de não apenas reproduzir algo que é dito pelas pessoas em seus cotidianos de uma maneira mais superficial, se tornando assim o próprio *“senso comum”*. (GOMES; AMARAL, 2005).

Como concepção científica da construção do conhecimento o presente estudo

necessita de uma metodologia, que a imaginamos de acordo com o que queremos pesquisar - a utilização dos espaços públicos da cidade pelos professores de EF escolar de escolas municipais de BH, pensando na educação para e pelo lazer. Desse modo se escolheu um estudo descritivo como procedimento técnico para entender o objetivo da pesquisa. Segundo Triviños (1992) esse tipo de estudos tem um foco essencial em um desejo de se entender, conhecer uma comunidade, suas características, seus sujeitos, pretendendo descrever fatos e fenômenos com maior exatidão de certa realidade, precisando desse modo que o pesquisador tenha uma série de informações sobre o que se deseja pesquisar. Além de ter técnicas bem delimitadas para que o estudo tenha certo grau de validade científica. E visto que o presente estudo procura entender algumas características e procedimentos dos sujeitos professores em suas aulas ministradas o estudo descritivo foi entendido como o melhor.

Os métodos escolhidos para a coleta dos dados foram a entrevista semiestruturada e análise documental. A entrevista semiestruturada é um meio termo entre a entrevista estruturada . aquela em que o entrevistador segue um roteiro prévio com o objetivo de recolher dados através de perguntas específicas . e a entrevista não estruturada . aquela em que o entrevistador introduz o tema e deixa que o entrevistado fale livremente sem um roteiro preestabelecido. Ou seja, a entrevista semiestruturada tem um roteiro prévio, porém flexível, onde são feitas perguntas específicas, mas o entrevistado possui mais liberdade para falar. E o entrevistador também pode elaborar perguntas que não estavam previstas que o ajudarão na resolução do seu problema de pesquisa (GOMES; AMARAL, 2005).

A análise documental segundo Richardson et al. (1999, p.230 *apud* JUNIOR; MEDEIROS; AUGUSTA), irá consistir em uma série de ações que irão visar analisar documentos com o objetivo de entender circunstâncias sociais e econômicas. Ainda há uma ressalva para a importância de entender documentos para além de uma visão positivista - que valoriza apenas documentos escritos ligados a uma fonte produtora. Entendendo que a informação tem um conceito diverso e amplo, podendo desse modo haver outras fontes para análise documental para além de documentos escritos, como quadros, poemas, fotos, artefatos.

A utilização desses mecanismos de coleta dos dados se justifica pensando que o presente trabalho dialoga com os professores e com os documentos que utilizam, tentando observar como entendem as relações que estão sendo propostas

entre EF escola e Lazer e como eles realizam esse entendimento na prática de suas aulas. Desse modo, a entrevista semiestruturada permitiu através de um diálogo com os professores - organizado e mais flexível - a possibilidade de compreender suas percepções sobre sua própria prática. A entrevista foi composta de seis perguntas (APÊNDICE I) e foram transcritas após a sua realização (ANEXO I e II). A análise documental permitiu que se fizesse um cruzamento dos dados da entrevista com o projeto político pedagógico (PPP) da escola. Não foi feita a análise de documentos produzidos pelos professores, pois estes não tinham nenhuma produção referente ao tema proposto.

Foram sujeitos da pesquisa dois professores da rede municipal de Belo Horizonte, a escolha dos dois se fundamenta nos critérios a seguir. Ambos fazem parte do projeto de residência pedagógica da licenciatura em Educação Física UFMG, no qual também faço parte. Além de ter conhecimento que os professores já realizam em sua prática docente uma aproximação entre EF escolar e o lazer, bem como realizam trabalhos externos a escola em que os alunos acessam espaços públicos.

6 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS E DOS DOCUMENTOS

Para a análise das entrevistas e dos documentos foram definidas quatro categorias. Elas foram criadas buscando nortear a análise de acordo com os objetivos do estudo. As categorias utilizadas para análise foram: 1) Lazer como objeto da Educação, 2) Lazer como veículo da educação, 3) Educação Cidadã, 4) Formação para uso dos espaços públicos.

Como estrutura para o texto, a seguir são apresentadas as análises acerca das entrevistas e logo em seguida dos documentos analisados, os Projetos Político Pedagógicos de cada uma das escolas.

Visando preservar a identidade dos professores entrevistados e de suas escolas, eles serão referidos como %Professor A+ e %Professor B+, %Escola . Professor A+e %Escola . Professor B+

6.1 Os sujeitos Professores

Os dois professores entrevistados formaram em Educação Física na UFMG, Licenciatura e Bacharelado, tendo o professor A se formado em 2008 e o professor B em 2004. Ambos já têm mais de 10 anos de carreira como professor da escola básica, tendo passado tanto pela rede privada como pela rede municipal de Belo Horizonte - rede em que trabalham atualmente. Ambos também possuem pós graduação lato sensu na área da EF escolar e atualmente fazem um mestrado stricto sensu também na área, o que diz muito em relação a fala de ambos sobre sua prática pedagógica na escola, levando a entender que o investimento na carreira docente os leva a um pensamento de EF escolar próximo do que esse estudo se baseia, a EF no âmbito da cultura e no âmbito da criticidade. Podemos perceber a través de duas falas de um dos professores:

A gente tem que pensar que existe uma cultura geral, uma cultura social. E cada sociedade tem uma dinâmica cultural e a escola ela trata principalmente dessas dinâmicas culturais separado em conteúdos específicos que vão ser absolvidos por cada disciplina. No caso da Educação Física ela vai absorver a questão do corpo em movimento, as

práticas corporais culturais. Alguns chamam de cultura corporal do movimento, cultura do movimento, cultura corporal somente. Mas a questão é a utilização do corpo na nossa sociedade tendo diversas práticas.

Então assim, dentro da maior variedade de práticas possíveis, eu vou tentando pegar esses temas que eu acho que são transversais também, que eu acho que são temas sociais e apresentando pros alunos pra que além da prática a gente consiga fazer problematizações e criando, conscientizando, criando uma criticidade maior nos alunos.

(Professor A)

Interessante notar também que os dois professores abrem possibilidades para a relação da EF com outros temas como o lazer. Reconhecem que a EF escolar tem seu objetivo específico dentro da escola, mas não rejeitam novas possibilidades de se pensar esses conteúdos e assim criar um maior leque de vivências para os seus alunos, buscando através do diálogo com a escola e com a própria prefeitura enriquecer a sua prática docente e conseqüentemente o aprendizado dos alunos.

6.2 Lazer como objeto da educação

Nesse critério de avaliação buscou observar na entrevista dos professores a questão da educação para o lazer (MARCELLINO, 2006). O que em suas falas remete a educar os sujeitos para a utilização do tempo de lazer.

Nas falas dos professores fica muito claro a presença da educação para o lazer em suas práticas pedagógicas, sendo alguns pontos em comum e outros específicos de cada um. O ponto em comum que mais aparece em suas falas é a questão de reforçar a EF como uma disciplina escolar com suas especificidades, seu conteúdo, mas que tem a possibilidade de relacionar a outros temas, sendo o lazer um deles, se justificando pelo fato de também o lazer ser um direito social (BRASIL, 1988). O que dialoga com Silva (2011), onde as aulas através de seus conteúdos específicos teriam questões referentes ao lazer que atravessassem o seu discurso e suas práticas e não a aula de EF em si ser um momento de lazer. Segundo os professores a EF através do ensino das práticas corporais ajudaria aos sujeitos a criarem mais possibilidades para se vivenciar seu tempo de lazer e usufruí-lo de

maneira mais autônoma, além de poder contribuir pensando novos espaços da cidade para a utilização no tempo de lazer dos alunos. E não só através da prática das atividades físicas em si, mas vivenciando-as de outras maneiras, como a apreciação.

[...] eu tento sempre dialogar e conversar com os meninos nas aulas, propor as atividades, formatar as atividades de forma que eles consigam nos espaços que eles vão ocupar de lazer, usufruir dessas práticas com uma certa autonomia e com aqueles valores que a gente considera que são justos.

Eles podem nesse tempo livre criar, criar jogos, criar brincadeiras, que esse tempo também não precisa ser só de prática corporal no sentido de fazer alguma atividade física, pode simplesmente ser um tempo de leitura, de escutar uma música, de ver um filme...

(Professor B)

Então é como eu falei, se o aluno vai assistir um futebol, que ele entenda que ele pode querer jogar o futebol. Então eu acho que a Educação Física também tem que se preocupar com isso, para que ele consiga minimamente entender o jogo para que ele se quiser praticar ele tem um mínimo de elementos.

Mas também se for uma opção dele apenas, por exemplo, assistir, ser um espectador. Independente da opção pela prática ou por assistir, por exemplo, ou ser um consumidor, isso é uma prática de lazer. Então ele tem que ter um mínimo de conhecimento pra ele ser autônomo em relação aquilo.

(Professor A)

Alguns outros pontos do critério estabelecido surgiram na fala do professor A. Um deles é o entendimento que a educação para o lazer poderia ser uma das finalidades da EF escolar e um dos princípios básicos que a legitima na escola hoje.

Então eu acho que, na verdade a Educação para o Lazer, eu acho que ela talvez seja um dos princípios básicos da legitimidade da Educação Física escolar, Educação Física estar presente na escola.

E ai a gente pensa que a Educação Física vai tratar disso pedagogicamente. Mostrando as diversas práticas corporais além de outros objetivos que também apresentar as diversas construções culturais, as diversas produções da cultura do movimento para que ele entenda e conheça também é importante. Mas eu pauto sempre nessa lógica de se educar para o lazer. Então pra mim o lazer ele é quase que a totalidade da Educação Física escolar.

(Professor A)

A aula de EF transmitiria seus conteúdos - as práticas corporais presentes na cultura corporal do movimento . para que os alunos utilizassem desse conhecimento no seu tempo de lazer. Ou seja, a EF na escola teria em seu íntimo a educação para o lazer, pois ela seria uma disciplina onde um de seus objetivos seria esse. Algo que Bracht (2001) comenta como um dos sentidos que a EF poderia levar para o seu reconhecimento dentro da escola, visto que o tempo de lazer ganhou maior importância na vida das pessoas e na sociedade, se tornando também um campo de disputa ideológica, e desse modo pensando em uma educação que se diz crítica, é interessante se educar para esse campo. Esse ponto é algo interessante para se pensar, porque quando paramos para analisar, todas as disciplinas de certa forma teriam que educar para o lazer (assim como educam para o trabalho), não sendo desse modo algo que justificaria ou que legitimaria a EF na escola. Porém entendo também que a EF tem suas peculiaridades que outras disciplinas não têm, como a educação específica para o mundo do trabalho. As práticas presentes na EF (e em algumas outras disciplinas) que aqui se defende são direcionadas para a sua vivência no tempo de lazer. Então acredito que a educação para o lazer deve estar presente na EF, mas não como a justificativa da presença da EF na escola. A EF tem seu objeto de ensino, a cultura corporal do movimento desenvolvida pelo ser humano ao longo de sua história.

Um outro ponto que surge na fala do Professor A é sobre a educação para o lazer na EF no sentido de uma relação crítica com esse tempo. O professor chega a utilizar a expressão %educação para o consumo+, onde os sujeitos irão consumir, por exemplo, as práticas corporais presentes na sociedade procurando entendê-la para além do modo como ela é repassada. Marcellino (2007) dialoga com esse entendimento, comentando que ao mesmo tempo que os sujeitos são influenciados em seu tempo de lazer pela sociedade, eles também podem ser influenciadores, questionando, criticando, tendo desse modo uma relação dialética entre o lazer e a sociedade.

Assisti um futebol acontece essas questões de troca de horários de jogo por causa da mídia. Ele tem que entender, qual é essa relação da mídia, por exemplo, com o esporte? Porque que uma manifestação que é tão popular no Brasil em alguns momentos se torna tão elitizada? Porque que o acesso aos estádios não é mais como era antigamente? Então todas essas questões, todas essas problematizações elas envolvem a Educação Física escolar, relativas principalmente ao lazer.

(Professor A)

O exemplo que o Professor A utiliza para explicar o seu entendimento sobre o consumo crítico no tempo de lazer é bem pertinente para a EF. Observando que a EF para além do ensino das práticas corporais na questão prática, tem o dever de problematizá-las de maneira teórica, para que os alunos possam entender que essas são práticas presentes na cultura e que por ela é influenciada, não sendo desse modo algo que surgiu do nada na sociedade. Contribuindo desse modo para que os alunos vivam as práticas de uma maneira mais autônoma em seu momento de lazer.

6.3 Lazer como veículo de educação

O segundo critério utilizado para a análise das entrevistas foi o lazer como veículo de educação, o que Marcellino (1996) define como educação pelo lazer, onde o momento de lazer propicia um tipo de educação - que não é neutra e irá depender do meio em que está inserida. Como já comentado, o momento de lazer tanto pode acompanhar o sistema de desigualdades que está inserido como pode criticá-lo. Nas entrevistas o lazer como veículo de educação foi relacionado a disciplina de EF escolar buscando observar possibilidades e como esse veículo de educação é utilizado pelos professores.

Nas falas aparecem algumas propostas realizadas pelos professores em suas aulas que remetem a utilizar de excursões, de passeios, a espaços - tanto públicos como privados - buscando debater temas da EF escolar. Os dois professores deixaram claro que não é algo pontual a ida deles com alunos aos espaços e eventos, surgindo algumas vezes possibilidades que a prefeitura disponibiliza e alguns projetos mais organizados que o Professor B cita em sua prática.

Levei os meninos pra ir ver um jogo de vôlei lá na arena do minas, levei pra ver um jogo de futebol no independência, mas são coisas pontuais assim né. Não foram projetos. Tirando a visita ao museu do mineirão e a federação mineira de arco e flecha que a gente foi com proposta, tinha todo um projeto, os meninos tinham que fazer um trabalho bem específico com isso. A ida aos jogos tanto de vôlei quanto de futebol foi uma coisa bem pontual, não foi um projeto pensado.

(Professor B)

Ai ano passado, um outro exemplo, tinha um projeto que é academia do skate, que é um projeto de uma ong da movimenta Brasil, que tava utilizando os shoppings de Belo Horizonte para dar oficinas de skate gratuitas. Ai eu pesco essa possibilidade ai eu levo. Eu tento sempre quando eu vejo possibilidades que eu acho que são interessantes para os alunos de ocuparem espaços - independente de serem espaços públicos ou privados - que muitas vezes eles não tem acesso, ou por questões econômicas ou por questões de logística, ou por que não conhecem, eu tento sempre buscar. Não tem nenhuma excursão que eu faça anualmente, que eu fiz todos esses últimos anos.

(Professor A)

É interessante perceber que mesmo sendo algo pontual, nem sempre tendo um projeto organizado para as idas aos locais, os professores relatam que buscam conversar com os alunos sobre possibilidades de utilização desses espaços além de problematizá-los a luz dos conteúdos da EF. A questão de não ser uma proposta mais organizada, que sempre aparece em suas práticas, é relatado pelos professores como uma dificuldade existente de encontrar tempo na rotina da escola além de liberação de verba e transporte para a ida aos locais. A maioria das oportunidades surge através de parceria da prefeitura com outras instituições, mas vale ressaltar que mesmo tendo essas parcerias o professor tem que correr atrás para conseguir abraçar a oportunidade . visto que se ninguém pleitear a oportunidade oferecida pela prefeitura, nada acontece.

Não surge explicitamente nas falas dos professores a ida aos locais, aos eventos, como algo relacionado ao lazer, como uma possibilidade do lazer como veículo de educação. Porém fica muito claro em suas práticas relatadas que o lazer como veículo de educação está presente. Quando essas idas são problematizadas pelos professores sobre as diversas questões que estão ao seu redor e mesmo como possibilidade de utilização daquele espaço pelos alunos no tempo de lazer, o lazer como veículo de educação está presente. E se faz presente em uma relação com os conteúdos da EF escolar, com suas especificidades. Em uma das falas o Professor A . em uma de suas idas - diz da importância de se trabalhar o futebol, um dos conteúdos da cultura corporal de movimento, para além da prática, procurando problematizá-lo também em sua contemplação com diversos temas transversais que dali surgem.

Essa do estádio eu gosto muito. Porque a gente sabe que infelizmente o estádio de futebol é uma coisa que tá se tornando cada vez mais elitista. E

ainda pensando que o futebol, talvez de todos os esportes que a gente tem mais populares, ainda é o mais machista também. Então se você for fazer um levantamento das alunas na adolescência que gostam de futebol, tem muitas. Mas que já tiveram possibilidades de ir em um campo de futebol, são poucas. Com os meninos também são poucos, mas ainda uma porcentagem muito maior que das meninas. Então eu acho que é super interessante ai eu separo e levo metade meninos metade meninas e é pra grande maioria dos alunos é a primeira vez no estádio de futebol. E alguns reclamam, por exemplo, que os pais vão mas eles não vão. Ai também existe uma questão até financeira, com um ingresso de 30/40 reais. Muitas meninas reclamam que o pai não gosta de leva-las. Então assim, é uma excursão que eu gosto de fazer.

(Professor A)

Observando essa ligação com a ida a espaços nas aulas de EF escolar, percebe que isso se torna uma grande possibilidade para a relação lazer - EF escolar, buscando também uma valorização de ambas as áreas, visto que há uma desconfiança dessa relação . como já dito anteriormente. Acredito que essas possibilidades que os professores trazem sejam um dos pilares para que as áreas se relacionem de uma forma a se justificarem. Há um modo de pensar no lazer presente na escola como algo multidisciplinar e que deveria ser . assim como é o trabalho . algo norteador dos ensinamentos escolares, a sua finalidade (BRACHT, 2003). O pensamento do autor é algo em que acredito, é o que devemos buscar como um papel da escola, mas enquanto isso ainda não ocorre, a EF - devido a sua relação histórica com o lazer - tem um papel central no dever de se buscar educar para e pelo lazer.

Um outro ponto que surge é sobre a relação dos espaços públicos e privados. Há uma utilização e uma problematização pelos professores sobre os espaços públicos da cidade, mas também sobre os espaços privados. O presente trabalho buscou observar a utilização dos espaços públicos da cidade como possibilidades para a EF escolar, buscando problematizar essa utilização como um importante fator para construção das cidades (ROLNIK, 2000), e até de certa forma criticando a crescente desvalorização do que é público e a sobreposição destes pelos espaços privados. Porém, analisando as falas dos professores percebe-se que é possível as duas esferas se comunicarem e se problematizarem . até porque a realidade que posta é essa, a nossa sociedade é uma mistura do privado com o público (ressaltando que ainda acredito na importância do reconhecimento do público para a construção da cidade e da sociedade). Muitas vezes o que é oferecido pelo espaço

privado não é oferecido pelo público, temos que ser realistas e entender que dado o sistema atual o público não oferece - tanto por questões econômicas, mas também por questões de posição política de não querer oferecer . muito do que o privado consegue oferecer. A partir desse não oferecimento é que podemos problematizar e cobrar as esferas públicas para que se pensem alternativas, até mesmo através de parcerias . as idas dos professores aos espaços foram todas feitas assim - com os espaços privados buscando democratizar elementos da cultura que no espaço público não são tão disponíveis. Uma das falas do professor A aparece essa questão:

Eu já levei meus alunos pra espetáculo de dança, por exemplo, trabalho com o 9º ano a dança de salão. E a dança de salão ainda é algo um pouco elitizado. Você tem as academias são academias pagas. Não é algo que chega, por exemplo, na periferia de uma forma tão acessível assim. Eu conheço poucos projetos, por exemplo, de ensino de dança de salão em periferias. E ai eu trabalho com os alunos do 9º ano dança de salão. E ai eu já tive a possibilidade de levá-los por exemplo para assistir um espetáculo da Mimulus, que é uma das maiores escolas de dança de salão do Brasil. Porque a Mimulus fez uma parceria com a prefeitura e ai eu rapidamente peguei. Fui uma das poucas escolas que conseguiu. Então eu levei os meus alunos para assistir um espetáculo que era privado, um espetáculo que talvez poucas pessoas têm acesso. Não só pelo custo, mas também pelo desconhecimento.

(Professor A)

Consegue-se perceber que a ida a espaços tanto públicos quanto privados pela EF escolar através de seus temas pode ser uma rica oportunidade para se pensar a cidade. A partir do momento que se propõe a utilização dos espaços públicos e esses não existem ou não permitem possibilidades para a realização, fruição, contemplação, de práticas corporais, o pensar, o construir a cidade já está sendo realizado. Ir em espaços privados na EF escolar através das parcerias porque os espaços públicos não são viáveis, é uma maneira de problematizar a democratização dos espaços, levando os sujeitos a pensarem e questionarem o porquê não existem mais espaços e eventos acessíveis a população. Consequentemente fazendo que esses sujeitos também comecem a pensar sobre os momentos de lazer e novas maneiras de vivenciá-lo, dialogando com Marcellino (2006), onde para se pensar o lazer de maneira mais democrática é necessário pensar a democratização dos espaços públicos. Questões que fazem com que os sujeitos comecem a pensar essa cidade, esses espaços públicos, de maneira

diferente, de maneira a ter um maior reconhecimento e pertencimento. Pode até ser utópico, mas acredito que pequenas reflexões como essas podem levar os sujeitos a se organizarem e lutarem por uma cidade e por um lazer mais democrático.

6.4 Educação Cidadã

A educação cidadã foi o terceiro critério utilizado na análise das entrevistas. Entende-se o cidadão como um sujeito que pertence a uma comunidade, a uma cidade, que tem seus direitos civis e políticos garantidos, tendo de respeitar os deveres que lhe são conferidos+ (CIDADÃO, 2019, s.p). Ou seja, um sujeito que faz parte de um grupo maior de pessoas e respeita as regras ali construídas, tendo desse modo direitos e deveres a serem cumpridos. A partir desse entendimento, procurou analisar nas falas dos professores a presença de uma educação voltada para o entendimento dos alunos como sujeitos cidadãos. Algo que apareceu apenas em uma das entrevistas, a do professor A.

A questão da educação cidadã surge logo no início da fala do professor. Demarcando uma posição do que acredita ser um dos papéis principais da educação, formar os sujeitos para se tornarem cidadãos.

A gente pensa que o objetivo maior da educação é preparar o aluno pra se tornar um cidadão, ou seja, ele conseguir conviver dentro de uma sociedade de acordo com suas regras e de acordo com sua dinâmica, mas como uma pessoa autônoma, crítica, que não só, que participa ativamente da sociedade.

(Professor A)

Uma fala que condiz com o significado do termo cidadão e remete a uma ideia de uma educação questionadora, crítica para com a realidade em que os sujeitos vivem. Posicionamento esse que também dialoga com Gonzáles e Fensterseifer (2009, p.6), onde a educação escolar tem um papel de fazer os sujeitos se sentir-se em casa no mundo+, ou seja, através da educação escolar os sujeitos terão acesso a conhecimentos para se ter maior autonomia de conviverem em comunidade, em sociedade, de maneira crítica. Entendendo desse modo que o convívio é regido por

normas que dizem sobre os direitos e deveres daqueles que desejam viver em comunidade, ser cidadãos. O professor ainda completa dizendo que a EF presente na escola também terá esse papel a partir do momento que através de seus conteúdos mostra possibilidades para os alunos de vivenciarem novas práticas nos momentos de lazer. Pensando que esse momento está presente na sociedade e é um direito social, um direito do cidadão, sendo um dever desse sujeito lutar por seus direitos, pela existência de espaços para essas vivências.

O entendimento dos espaços da cidade como algo do público, algo dos sujeitos, é reforçado bastante nas falas. A questão de fazer com que os alunos entendam que esses espaços pertencem as pessoas, a eles, que ao mesmo tempo que é um direito o acesso a esses locais, é um dever, uma responsabilidade deles a conservação e a valorização. Condiz muito com que o professor entende ser um dos sentidos da educação escolar, educar para a cidadania.

A minha forma de trabalho com eles é exatamente isso, que a cidade ela tá ai, ela tá ai pra, nós somos cidadãos, todo mundo aqui é cidadão, a gente paga imposto, a gente tem direito ao lazer. A utilizar esses espaços. Então quando você vai pra rua pra um bloco de carnaval, quando você vai pra rua pra praticar um esporte, quando você vai fazer uma corrida é de responsabilidade também do poder público oferecer espaços públicos de lazer.

E ai toda essa conscientização, porque não é só do uso, é do cuidado né, da conservação. Então eu acho que são duas vertentes. Nessa vertente da conservação o principal é conscientizar que aquilo é dele, que aquilo não é da prefeitura. A escola pública não é da prefeitura. O prefeito vai mudar todo ano vai mudar, os gestores vão mudar, os professores das escolas vão mudar. A escola continua, ela é lugar público, ela é lugar social. Então acho que a primeira coisa é conscientizar cada aluno ali que todos esses lugares eles são parte da vida dele.

(Professor A)

E é uma visão que corrobora com o que foi explicitado ao longo do texto, onde o lazer está encarnado na cidade, estreitando a relação de uns cidadãos com os outros, ou seja, um lazer com funções pessoais e sociais, identificando com a dimensão pública da cidade+ (ROLNIK, 2000, p. 180). Essa dimensão cidadã que o professor reforça em suas falas é algo que contribui de uma maneira significativa para a construção de sujeitos mais conscientes para com o social, a comunidade, mas também para com o entendimento de que os momentos de lazer estão inseridos nessas questões sobre a cidade, e que como cidadãos além do direito é

um dever pensar e lutar por esses espaços e momentos para que se pense em uma cidade, em um convívio mais democrático.

6.5 Formação para uso dos espaços públicos

O quarto e último critério pode se dizer que faz uma junção dos três outros critérios. Pensando no lazer como objeto e veículo de educação, na educação cidadã, a formação para o uso dos espaços públicos aparece. E apesar dessa relação com outros critérios, ele foi escolhido no sentido de dar uma centralizada nesse tema específico. Quando ele aparece nos outros critérios é de uma forma mais sutil, misturado a outros fatores, não de forma explícita, mas nas entrelinhas das falas dos professores. Quando se fala, por exemplo, de educação cidadã, a formação para o uso dos espaços públicos está presente, é pertencente a uma educação cidadã, porém além dela existem várias outras questões.

O critério aparece de maneira mais explícita na fala do professor A, enquanto na do professor B aparece dentro de suas práticas. Quando os professores comentam sobre suas propostas de levar os alunos a espaços (já comentadas no texto) e problematizam essa ida em suas aulas eles estão procurando formar aqueles sujeitos para o uso do espaço público, mesmo que isso não apareça em algumas das falas, como a do professor B. A apresentação de novos espaços da cidade para os alunos, procurando demonstrar que existem diferentes maneiras de se utilizar o momento de lazer é também uma formação para a utilização dos espaços públicos. Na entrevista do professor A aparece explicitamente a ideia de se educar para a utilização desses espaços, mesmo que não dê para ir sempre com os alunos.

Foi como eu falei, eu acho que ela (*EF escolar*) deve trabalhar principalmente na questão da conscientização. Que existem espaços públicos, que esses espaços, o nome público, aquilo é do público mesmo. Esses espaços são das pessoas. *grifo meu*

Agora, eu acho que independente de você utilizar ou não, é necessário que a Educação Física incentive, ou tenha esse processo de discussão com os alunos sobre essa utilização. Por exemplo, quando eu trabalho com os alunos o slackline. Uma das primeiras, um dos temas que eu coloco dentro do slackline é essa utilização do espaço público.

(Professor A)

Surge ainda a questão na fala do Professor A, da perspectiva do uso e da conservação, que já apareceu antes em sua fala na educação para cidadania (entendendo que esses dois critérios se relacionam muito), mas reforça essa ideia por acreditar que seja um dos principais pontos que irá formar para se utilizar os espaços públicos, através dos conteúdos da EF escolar e também para além deles. Essa é uma questão que dialoga com Marcellino (2007), onde para além da importância de lutar pela obtenção de novos espaços, é necessário pensar na conservação dos que já existem, em sua recuperação e revitalização. Entendendo também que a utilização de recursos pode ser bem menor do que em novas construções. E o professor A entende que essa perspectiva irá contribuir para que os alunos percebam que eles mesmos fazem parte da construção da cidade, do público, que esses espaços existentes são de todos que moram na cidade e que todos têm o direito de utilizar e o dever de conservar, uma ideia de tentar criar um sentimento de pertencimento, imaginando que quando se entende que aquilo é seu se valoriza e se luta por aquele espaço. Destacando que a própria escola municipal é um espaço público utilizado pelos alunos ao longo da semana, mas aos fins de semana é utilizado pela comunidade ao redor no projeto da escola aberta.

A gente vê até aqui na escola mesmo, a escola pública, que a gente tem escola aberta, a gente tem as vezes colônia de férias, é, a gente tem a utilização pelos alunos. Então eu falo com os meninos, por exemplo, vocês podem vir aqui fim de semana jogar futebol, a escola é aberta, vocês podem vir. Eu incentivo isso, mas qualquer problema que a gente tem ou na aula de Educação Física ou Escola aberta a gente tem uma depredação e tal, eu também volto a falar com os alunos, retomo com os alunos a questão de como a gente vai utilizar um espaço que é nosso de forma negativa. [...] E aí toda essa conscientização, porque não é só do uso, é do cuidado, da conservação. Então eu acho que são duas vertentes. Nessa vertente da conservação o principal é conscientizar que aquilo é dele, que aquilo não é da prefeitura. A escola pública não é da prefeitura. O prefeito vai mudar todo ano vai mudar, os gestores vão mudar, os professores das escolas vão mudar. A escola continua, ela é lugar público, ela é lugar social.

Se aquele aluno ele começa, por exemplo, um conteúdo que seja, se for um slack line ou simplesmente se ele pensa assim a atividade física é importante pode não ser nem pro lazer, pode ser por uma questão de saúde, mas se ele pensar então eu vou começar a fazer uma caminhada ou correr a gente tem aqui perto uma pista de caminhada, de corrida. E ele começa 2 a 3 vezes por semana a correr ali, a relação dele com a cidade muda, a relação dele com o espaço muda. Que aí que ele vai ver o tanto que é importante que aquele espaço esteja limpo, aí que ele vai ver que é importante que aquele lugar esteja bem cuidado. Então da próxima vez que ele estiver andando na rua que ele vai jogar um lixo, ele pensa duas vezes. Porque ele usa a rua. Ele usa a rua não só para deslocar. Ele usa como momento de lazer ou como momento de saúde.

(Professor A)

Vai de acordo com a ideia de Rolnik (2000) - que foi comentada anteriormente no texto . das origens da cidade, da polis, de um contrato social de caráter público, onde através da palavra e da persuasão ao invés da força e da violência é possível se construir esse contrato e estabelecer o espaço público. Espaço esse que segundo a autora tem sua essência no próprio espaço, no convívio, na identidade, e que ao longo do tempo %acabou minguando, senão regredindo para uma espécie de administração da sobrevivência imediata transformando-se em pura burocracia+ (ROLNIK, 2000, p.182), sendo capturada e privatizada. Ou seja, o entendimento dos sujeitos que aquele espaço pertence a eles e que no seu uso, na sua valorização, no convívio com as outras pessoas desse espaço é que também se constrói a cidade, vai perdendo força ao longo do tempo com o sistema de privatizações e individualidades em que vivemos. E nesse sentido a formação para o uso e conservação dos espaços públicos como relatado pelo professor A se torna algo importante para se construir uma cidade com mais participação dos sujeitos que ali vive. E formação essa que contribui para que os espaços públicos se tornem lugares ricos para a construção da cidadania, pois o espaço que %não é identitário, relacional e histórico, portanto um lugar antropológico, se desenha como um não-lugar+ (PIRES, 2006, p.65) - um local que não tem reconhecimento, pertencimento pelos sujeitos que estão a sua volta.

Relacionando diretamente alguns conteúdos da EF escolar com a formação para usos dos espaços públicos o professor busca em sua fala uma aproximação dos temas, possibilidades de se pensar essa formação com uma das culturas do movimento presentes na EF.

Então, aqui perto, relativamente perto, a gente tem uma avenida que tem muita árvore e que também tem uma quadra. Ai eu discuto com meus alunos, como que é essa utilização dessa quadra? Ela é muito utilizada? Só se joga futebol? Porque que se joga só futebol? Ai, por exemplo, dentro do conteúdo de futebol vai essa questão da popularização do futebol no Brasil. Então porque nos espaços públicos raramente você vai ver um jogo de vôlei? Isso tudo são temas que vão durante o ano indo e voltando.

(Professor A)

Problematizar com os alunos sobre as práticas feitas nos espaços públicos, para além de uma educação para o lazer, é também uma formação para a utilização dos

espaços de diferentes maneiras. Inclusive dentro da especificidade da EF escolar e suas questões, como a que aparece na fala do professor. Buscar o porquê de apenas um determinado conteúdo da cultura . pegando o exemplo do futebol - é mais valorizado que os demais nos próprios espaços públicos, também faz com que os sujeitos pensem a cidade e os seus espaços, conseqüentemente criando questões e prováveis sugestões aos poderes públicos. Relação essa da EF escolar com o espaço público, com o momento de lazer, que corrobora muito com que Vago (2009) traz e que já até foi comentado, da ideia de uma tensão permanente entre as práticas sociais e as práticas escolares, nessa caso a EF. Que para além de educar, apresentar, valorizar esses espaços devemos questioná-lo em nossas especificidades da cultural corporal do movimento. Destacando que acredito que o espaço público é um tema que deve ser discutido na escola como um todo. Assim como o lazer ele é um tema transversal, que não é apenas da EF escolar, mas que deve estar presente (%atravessar+) nos discursos e práticas dentro do seu conteúdo (SILVA, 2011).

A ideia de sempre estar buscando entender os espaços públicos e sua relação com determinada cultura, sociedade, também é uma forma de se buscar entender e construir espaços mais democráticos, que irão permitir que mais pessoas utilizem desses espaços e possam participar de certa forma das dinâmicas do público, da cidade.

6.6 Análise dos Projetos Políticos Pedagógicos

Um segundo momento da análise foi realizado junto aos projetos políticos pedagógicos das escolas, onde foi realizado baseado nos mesmos quatro critérios presentes nas análises das entrevistas. Importante destacar que dos quatro critérios apenas dois apareceram, a educação cidadã e a formação para o uso dos espaços públicos . tendo esse último aparecido em um pequeno trecho do documento de uma das escolas. Foi interessante notar que a palavra %lazer+ou algum outro termo que se referisse ao tema não aparece nos documentos das duas escolas, assim como a questão da educação para o trabalho ou para qualificação profissional também surge muito pouco nos documentos. Fica explícito que eles dão ênfase, dão um destaque, sempre a questão de uma educação crítica para com a sociedade,

para com o contexto em que estamos inseridos, a educação para se formar cidadãos . que será um critério que terá um maior destaque nessa análise - para formar sujeitos que pensem nas diversas questões referentes ao convívio social, nas diversidades, nas questões éticas, étnicas, de desigualdades. Ou seja, situações gerais que acontecem na sociedade devido ao modo como ela na prática é pensada. E desse modo, no meio a essas questões gerais, engloba entender de maneira crítica as situações referentes aos momentos do trabalho, das atividades profissionais, do lazer. Partindo do pressuposto de que o lazer se tornou um tema importante nos tempos atuais e do que a sociedade - na prática - pensa da escola e o que essa escola vem tendo como um dos seus objetivos - a educação para o trabalho, o dito tempo produtivo - , imagino que referenciar especificamente o tema do lazer nos documentos é de grande importância, tanto para repensar o modo de vida presente na sociedade . capitalista - como para a própria escola repensar as suas práticas e finalidades, a lógica que a envolve baseada em racionalidade do trabalho e para pensar possibilidades de operar numa nova articulação entre o lógico-racional e o lúdico+(BRACHT, 2003, p.165).

Refletindo sobre os critérios de análise encontrados nos documentos, a educação cidadã foi o que mais se observou. Ficando claro que a formação dos alunos para se tornarem cidadãos tem um papel central no que as escolas acreditam para suas práticas. A educação cidadã é tida como uma das finalidades, um dos objetivos dessas escolas.

O corpo docente da escola acredita no desenvolvimento do educando, como cidadão, que pode exercer uma participação na vida social de modo efetivo, de acordo com suas possibilidades etárias, tornando-se um sujeito crítico, participativo, reflexivo. [...] Aquele aluno/sujeito autônomo, agente do seu processo histórico e com papel político a desempenhar no quadro social.

(Escola . Professor A)

Quando afirmamos que partimos do pressuposto de que o espaço escolar deve proporcionar a construção de relações pedagógicas e educativas fundamentadas na convivência social e política, estamos assumindo que queremos uma escola consciente e cidadã.

(Escola . Professor B)

O que condiz com a ideia de escola em que construímos ao longo desse trabalho. Uma escola, como diz Paulo Freire (1980), que se encontra em uma relação de constante tensionamento com o sistema maior em que se está inserido. Que o questiona, que o reflita, buscando através de uma transformação/transposição didática da cultura produzida ao longo da história (FORQUIN, 1992) e até mesmo de produção de culturas próprias da escola (VAGO, 2009), conscientizar seus alunos da importância de participar do processo de construção da cidade, de entender que são sujeitos de direitos e deveres a serem cumpridos. Consequentemente contribuindo para que os alunos entendam a importância da participação, da construção, da valorização dos espaços públicos e do entendimento da própria escola como um desses espaços, um espaço pertencente aos sujeitos que ali se fazem presentes, os próprios alunos, a população, os professores, os funcionários.

Algo interessante que surge em um dos documentos, e que de maneira implícita diz sobre a educação cidadã, é a questão da convivência, o se relacionar com outro. O como esse fator se tornou nos tempos atuais um desafio.

Aprender a conviver (aprender a viver com os outros) representa, hoje em dia, um dos maiores desafios da educação. Os Avanços tecnológicos e econômicos geram o individualismo e com ele o espírito de competição não saudável ou um estado abúlico para alguns alunos. Estado que dificulta compartilhar experiências, pois perde-se a oportunidades de aprender a comparar ideias, discutir, planejar ações coletivas, buscar soluções em conjunto; enfim, ignora-se a necessidade de descoberta do outro e de si mesmo; o ser humano perde a oportunidade única de conviver.

(Escola . Professor A)

Desafio da convivência esse que é a base para a cidadania, para a construção do público, da cidade. Como já comentado, a igualdade de diferenças (ROLNIK, 2000) é um dos princípios para essa construção, para que as pessoas em suas diferenças conviviam em um mínimo de harmonia. E pensando na utilização, na produção dos espaços públicos, o se relacionar com o outro se torna imprescindível para que esses locais ganhem um sentido na cidade. Eles sendo ocupados pelas pessoas faz com que esses sujeitos e o próprio poder público entenda esses locais como pontos de produção de uma cidade mais humana. O que condiz com a proposta do texto em procurar ver esses espaços, através da convivência, como possibilidade para as aulas de EF escolar.

O PPP é um dos documentos que irá dizer muito sobre a escola, os seus objetivos, suas finalidades, suas propostas para a educação, o contexto em que ela está inserida. É ele em que vai dar o direcionamento das ações da escola, tanto nas práticas dos professores, como na gestão escolar. E é importante destacar que esse documento também é fruto de um histórico dessas escolas, a sua construção vem através de fatos pelo que a escola passou gerando um entendimento do que ela acredita ser a melhor forma de se educar. Dou esse destaque pelo fato de ter aparecido em um dos PPPs um trecho sobre esse histórico e a partir dele surge uma das finalidades da escola.

É possível perceber uma escola ativa, com um histórico de participação efetiva no movimento social e sindical e também nas discussões pedagógicas, aspectos que determinam a forma como a escola se relaciona com as questões curriculares, com os alunos e com sua comunidade. [...] Se queremos uma escola consciente e cidadã, é preciso que o nosso Projeto Político Pedagógico assuma o compromisso com objetivos que levem profissionais da educação ao exercício da participação e política; às atitudes de solidariedade, cooperação e respeito.

(Escola . Professor B)

É importante essa referência para perceber com qual escola estamos dialogando, que viés político é esse que vamos encontrar no espaço escolar. E de acordo com os documentos e com próprio trecho acima é possível perceber o que norteia essa escola. Uma educação que busca formar sujeitos para a cidadania, para a participação na construção da cidade, nas políticas públicas, para pensar e repensar o seu contexto. Desse modo, aqueles professores que pretendem propor uma educação crítica - que defendemos ao longo do texto . para com a realidade, podem se apoiar nesses documentos, sendo esse um reforço para possíveis questionamentos sobre sua prática. A própria questão que norteia esse texto, sobre a utilização dos espaços públicos da cidade nas aulas de EF, podem ser justificadas pelo documento da escola, ganhando uma legitimação para se tornar um conteúdo a ser dialogado com os alunos. Assim, é possível de certa forma relacionar as práticas dos professores entrevistados no texto ao PPP de suas escolas. Profissionais que buscam o diálogo com os alunos propondo possibilidades e questionamentos que os fazem pensar o mundo em que estão inseridos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo procurou entender um pouco mais da relação entre EF escolar e Lazer, buscando possibilidades das áreas se relacionarem através de algo em comum que as valorizasse, sendo os espaços públicos da cidade o ponto escolhido. Esses temas foram analisados dentro de um local específico, a escola, já que é referente a uma de suas disciplinas que o estudo se rodeia. Foi proposto primeiramente ao longo do texto o entendimento de cada um desses temas e suas especificidades - a escola, o lazer, a Educação Física escolar, o espaço público da cidade . para em um segundo momento buscar relacioná-los. Após uma proposta de relacioná-los na teoria, o estudo procurou através de entrevistas com dois professores de EF escolar da prefeitura de Belo Horizonte, relacioná-los na prática, através da análise de critérios específicos das falas destes sobre suas aulas e dos PPPs da escola.

As entrevistas possibilitaram entender um pouco do que cada professor pensa sobre a relação EF escolar e o lazer, a visão deles sobre a cidadania, a ideia de se educar para utilizar os espaços públicos, e se em suas práticas esses fatores aparecem ou não. Na fala do professor A ficou claro a presença de todos esses fatores e o como ele demarca bem a questão do lazer e da cidadania em suas práticas. Ele entende que a EF escolar tem íntima relação com o lazer, se tornando até mesmo um dos princípios que a legitimam na escola, sendo consequência dessa relação o surgimento da cidadania como algo muito importante a ser trabalhado com os alunos. Em suas aulas o professor procura levar os alunos a espaços tanto públicos quanto privados, buscando através dessas idas dialogar sobre a cidade, sobre os espaços, sua dinâmica, sobre a relação de uso e valorização destes pelos sujeitos. Já na fala do professor B o que surge é a questão sobre o leque de possibilidades que a EF escolar pode contribuir para que os sujeitos usufruam do seu momento de lazer de uma maneira mais plena. O professor tem o entendimento claro de que a EF escolar não é um momento feito para o lazer, mas que através de seus conteúdos existe uma relação com a EF. Ele também tem proposto em suas aulas a ida com os alunos a espaços públicos e privados, utilizando desses espaços para fazer um trabalho conjunto com os conteúdos das aulas. Comenta que em algumas dessas idas dialoga com os alunos sobre o que foi vivenciado, mas isso é algo que aparece pouco em sua fala, surge mais a questão novamente de ir a esses

espaços como maneira de aumentar o leque de possibilidades dos alunos para com o momento de lazer. A partir de suas falas percebe-se que existem algumas diferenças e algumas semelhanças entre os professores e o trabalho com o tema proposto. Um professor busca dialogar mais com os alunos sobre a EF e o lazer, levar também para um campo teórico, dialogar sobre as possibilidades que a EF escolar tem para com a cidade e seus espaços. Enquanto o outro busca mostrar aos seus alunos que existem diferentes maneiras de se viver o momento de lazer, através das diversas práticas da EF. Pensando nas semelhanças, o que mais dialoga entre elas é a questão de valorizar a EF escolar como uma disciplina escolar que tem suas especificidades como todas as outras, e que desse modo tem seus conteúdos definidos, mas que pode dialogar com outros temas presentes na sociedade como o lazer. Importante destacar também a disposição dos professores em sempre estar buscando inovar suas práticas através das idas em espaços diferentes do da escola. Mesmo surgindo poucas oportunidades - em parcerias junto a prefeitura de Belo Horizonte . e a dinâmica escolar ser um pouco corrida, eles procuram aproveitá-las pensando nas novas vivências que os alunos irão ter. Em suas falas não surgem de maneira explícita os termos de se educar para e pelo lazer, mas quando eles comentam de suas práticas fica perceptível à presença dos mesmos.

Os documentos das escolas analisados, os PPPs, são aqueles em que está presente o ideal, o pensamento de educação em que se acredita, suas finalidades e seus objetivos, dizendo muito sobre o pensamento político que envolve a escola. Os PPPs analisados acreditam na formação de sujeitos críticos para com a realidade, na educação dos sujeitos para se tornarem autônomos de seus pensamentos e ideais. Dos critérios que se buscou analisar, o único que aparece de maneira mais clara nos documentos é a educação cidadã, uma educação para que os sujeitos presentes na escola criem responsabilidade para com a cidade em que vivem, sabendo que existem direitos ao qual precisam lutar por eles, mas também tem deveres a ser cumpridos para com a sociedade. O termo "lazer" não aparece nos documentos. O que surge são questões mais gerais sobre formar os sujeitos para que ajam de maneira crítica para com a realidade, pensando nas diversas questões que perpassam o convívio social, como questões de diversidades, questões éticas, étnicas, de desigualdades, dando a entender que o lazer estaria presente dentro dessas questões mais gerais. Sendo desse modo possível se repensar qual o papel

do tema na sociedade. A importância que o lazer vem tendo nos tempos atuais, sua relação com o sistema capitalista (inclusive de confrontá-lo) em que vivemos e o próprio entendimento de uma educação para a formação profissional, para o trabalho, que a sociedade tem e muitas vezes até se cobra da escola, nos faz entender que esse é um tema que tem que ser mais debatido e presente nela, tendo que estar desse modo em seus documentos de uma maneira mais explícita.

Relacionando as entrevistas com os documentos que norteiam as escolas, é possível perceber que estes podem ser colaboradores das práticas dos professores, já que os conteúdos e o ideal político referente à educação dos dois andam juntos. No que diz em relação ao lazer, o documento não contribui de uma maneira significativa para os professores pensarem isso em sua prática, mas traz uma questão forte sobre a educação cidadã que pode trazer uma luz para que os professores dialoguem com seus alunos sobre os seus direitos como cidadão, sendo o lazer um desses, presente na constituição brasileira.

Sobre o que foi proposto na introdução desse estudo e em seus objetivos, será feita algumas indagações. A partir das leituras, reflexões e diálogos com os professores e os documentos das escolas, foi possível perceber que EF escolar e o lazer não só podem andar junto como podem contribuir para que cada um em sua especificidade se valorize, se complemente. O entendimento da EF como uma disciplina da escola, com características próprias e responsabilidades para com a transmissão de uma cultura construída ao longo da história e o lazer como uma das necessidades básicas do ser humano, como um momento único de vivências, de formação, de construção de conhecimentos, é necessário para que esses dois campos tenham uma melhor interação e possam ser vistos com uma maior importância pela sociedade. Importância essa que se faz necessário para que a EF e o próprio lazer façam parte de documentos oficiais e conseqüentemente da escola. O lazer não é um tema específico da EF, ele é transversal, sendo algo a ser proposto por todas as disciplinas escolares, mas que devido a uma relação histórica, a EF escolar tem um papel fundamental para discuti-lo. E vale o destaque que o lazer não é um conteúdo da EF, ele atravessa os discursos junto dos conteúdos da cultura corporal do movimento, mantendo uma relação de tensionamento constante.

A utilização dos espaços públicos nas aulas de EF foi algo que surgiu imaginando ligar as duas áreas do conhecimento, e ao longo do estudo pode-se perceber que essa possibilidade de interligação é possível e muito interessante. Nas

falas dos professores se observou que a ida a espaços públicos e privados e o dialogo sobre os mesmos, pode ser rico para a formação da cidadania, da conscientização e valorização, para a construção da própria cidade. E através dos conteúdos das aulas de EF é possível se discutir o lazer com várias de suas especificidades, desde os próprios espaços públicos e sua concentração em determinados espaços da cidade, a questão da popularização de práticas corporais presentes nesses locais, a questão da privatização dos espaços e uma possível privação de acesso a esses locais por uma determina parcela da sociedade, até o acesso a diversos eventos que tem os conteúdos da EF escolar como foco, sendo citados espetáculos de Dança de salão e partidas de futebol profissional. Isso nos mostra que a educação para e pelo lazer pode estar na presente na EF escolar . sem desvalorizá-la - e contribuir de maneira significativa para se pensar os seus conteúdos através de diferentes olhares.

O presente estudo não procurou trazer uma solução definitiva para se pensar a relação entre a EF escolar e o lazer, mas sim propor possibilidades para que tivessem uma relação mais construtiva e que as valorizassem, buscando trazer a importância que essas duas áreas pertencentes à cultura historicamente construída pelos ser humano merecem.

Novos estudos, com mais professores e análises mais profundas sobre suas práticas, poderão contribuir ainda mais para o entendimento da relação EF escolar e lazer, sua presença na escola e suas possibilidades.

REFERÊNCIAS

- BETTI, Mauro. Ensino de primeiro e segundo grau: educação física para quê?. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Maringá, v. 3, n. 2. p. 282. 287, 1992.
- BRACHT, V. Educação Física: a busca da autonomia pedagógica. *In: _____*. **Educação Física e Aprendizagem Social**. 2. ed. Porto Alegre: Magister, 1997a. p. 15-31.
- BRACHT, V. Educação Física: conhecimento e especificidade. *In: SOUZA, E. S. de; VAGO, T. M.* **Trilhas e partilhas: educação física na cultura escolar e nas práticas sociais**. Belo Horizonte: Cultura, 1997b. p. 13-24.
- BRACHT, V. Saber e fazer pedagógicos: acerca da legitimidade da Educação Física como componente curricular. *In: CAPARRÓZ, F. E.; FILHO, N. F. A. (Org.)* **Educação Física escolar: política, investigação e intervenção**. Vitória: Proteoria, 2001. p. 67-79.
- BRACHT, V. Educação Física escolar e lazer. *In: WERNECK, C. L. G. e ISAYAMA, H. F. (Org.)*. **Lazer, recreação e educação física**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p.147-172.
- BRACHT, V.; GONZÁLEZ, F. J. Educação Física Escolar. *In: GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. (Org.)* **Dicionário crítico de educação física**. Editora Unijuí, 2005.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.
- CIDADÃO. *In: DICIONÁRIO online de Português*, 14 maio. 2019. Disponível em <https://www.dicio.com.br/cidadao/>. Acesso em 14 maio. 2019.
- CHAUI, M. Cultuar ou cultivar. **Teoria e Debate**, n.8, out./nov./dez., 1989. Disponível em: <https://teoriaedebate.org.br/1989/10/01/cultuar-ou-cultivar/>. Acesso: 10 de outubro de 2018.
- COLETIVO DE AUTORES (SOARES, C.L; TAFFAREL, C. N. Z; VARJAL, E; CASTELLANI FILHO, L; ESCOBAR, M. O; BRACHT, V). **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- FORQUIN, Jean-claude. Saberes escolares, imperativos didáticos e dinâmicas sociais. **Teoria & Educação**, v. 5, p. 28-49, 1992.
- FREIRE, P. Apresentação. *In: HARPER, B.; CECCON, C.; OLIVEIRA, M. D.; OLIVEIRA, R. D.* **Cuidado, Escola!** Desigualdade, domesticação e algumas saídas. 24. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. p.7
- GOMES, C.L. Lazer - Concepções. *In: _____*. (Org.). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004. p. 119-126

GOMES, C. L.; AMARAL, M. T. M. A coleta de dados. *In: _____*. (Org.). **Metodologia da pesquisa aplicada ao lazer**. Brasília: SESI/DN, 2005. p.73-78.

GOMES, C. L.; AMARAL, M. T. M. Do senso comum à atitude científica. *In: _____*. (Org.). **Metodologia da pesquisa aplicada ao lazer**. Brasília: SESI/DN, 2005. p.17-22.

GOMES, C.L. Estudos do Lazer e geopolítica do conhecimento. **Revista Licere**. Belo Horizonte, v.14, n.3, p.1-25, set./2011. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/762>. Acesso em: 19 abril 2019.

GOMES, C.L. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, v. 1, n. 1, p. 3-20, 2014.

GONZÁLES, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. Entre o *“já não mais”* e o *“ainda não”*: Pensando saídas do não lugar da EF escolar I. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 9-24, set. 2009.

JUNIOR, Emilson Ferreira Garcia; MEDEIROS, Shara; AUGUSTA, Camila. Análise documental: uma metodologia da pesquisa para a Ciência da Informação. **Temática**, v. 13, n. 7, 2017.

MARCELLINO, N.C. A Casa, O Bar, A Rua... Equipamentos Não-específicos. *In: _____*. (Org.). **Estudos do Lazer É Uma Introdução**. Campinas: Autores Associados, 1996. p.29-31

MARCELLINO, N.C. Equipamentos Específicos. *In: _____*. (Org.). **Estudos do Lazer É Uma Introdução**. Campinas: Autores Associados, 1996. p.32-33.

MARCELLINO, N.C. Um Duplo Processo Educativo. *In: _____*. (Org.). **Estudos do Lazer É Uma Introdução**. Campinas: Autores Associados, 1996. p.50-51.

MARCELLINO, N.C. Lazer, espaço urbano e transversalidade. *In: CARVALHO, J.E.* (Org.). **Lazer no espaço urbano: transversalidade e novas tecnologias**. Curitiba: Champagnat, 2006. p. 71-81.

MARCELLINO, N.C. Algumas aproximações. *In: _____*. (Org.). **Lazer e Cultura**. Campinas: Alínea, 2007. p. 9-30.

MELO, V. A. Lazer e Educação Física: problemas historicamente construídos, saídas possíveis . um enfoque na questão da formação. *In: WERNECK, C. L. G. e ISAYAMA, H. F.* (Org.). **Lazer, recreação e educação física**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 57-65

NOGUEIRA, Quéfren Weld Cardozo. Educação Física, cultura e a produção de significados. **Educar em Revista**, v. 21, n. 26, p. 197-214, 2005.

PEREIRA, Lusia Ribeiro; VIEIRA, Martha Lourenço. **Fazer pesquisa é um problema**. Belo Horizonte, 1999.

PINO, Angel. A interação social: perspectiva sócio-histórica. **Construtivismo em revista**, p. 49-58, 1993.

PIRES, A.G.M.G. A rua como lugar de formação da cidadania, prazer e felicidade. *In*: CARVALHO, J.E. (Org.). **Lazer no espaço urbano: transversalidade e novas tecnologias**. Curitiba: Champagnat, 2006. p. 63-69

ROLNIK, R. O lazer humaniza o espaço urbano. *In*: SESC SP. (Org.). **Lazer numa sociedade globalizada**. São Paulo: SESC São Paulo/World Leisure, 2000. p. 179-184.

SILVA, T. F. Lazer, escola e educação física escolar: encontros e desencontros. **Revista Licere**, v. 14, n. 1, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/785>. Acesso em: 30 abril 2019.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Estudos Descritivos. *In*: _____. (Org.). **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1992. p.110-112.

VAGO, Tarcísio Mauro. O esporte na escola+ e o esporte da escola+: da negação radical para uma relação de tensão permanente . um diálogo com Valter Bracht. **Revista Movimento**, Escola Superior de Educação Física da UFRGS, ano III, n. 5, dez.1996.

VAGO, Tarcísio Mauro. Pensar a educação física na escola: para uma formação cultural da infância e da juventude. **Cadernos de formação RBCE**, v. 1, n. 1, 2009.

WERNECK, C. L. G. Recreação e lazer: apontamentos históricos no contexto da educação física. *In*: WERNECK, C. L. G. e ISAYAMA, H. F. (Org.). **Lazer, recreação e educação física**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p.15-56.

APÊNDICE - Roteiro da Entrevista

- 1) Pensando o Lazer como um campo interdisciplinar, qual a relação que você observa entre Lazer e EF escolar? Você acredita ser importante pensar na perspectiva da educação para e pelo lazer?
- 2) Qual a importância de se trabalhar o Lazer na EF escolar para a formação dos sujeitos/alunos?
- 3) E a partir disso, quais são as possibilidades da relação entre EF escolar e lazer para a aula de EF escolar? Como você pensa essa relação em suas aulas? Como você trabalha em suas aulas?
- 4) Pensando nessas possibilidades, como você observa a questão da utilização dos espaços públicos da cidade pela aula de EF escolar, entraria na relação Lazer e EF escolar?
- 5) Se sim, como você acredita que a aula de EF deva trabalhar a utilização dos espaços públicos da cidade?
- 6) Se não, porque a utilização dos espaços públicos da cidade em sua opinião não entraria na relação do Lazer com a EF escolar? E qual seria a sua motivação então para levar os alunos aos espaços públicos?

ANEXO I . Transcrição Entrevista Professor A**Nome:** Professor A**Idade:** 34 anos**Formação:**

Educação Física

2007- Licenciatura / 2008 - Bacharelado

Pós Graduação:

Especialização em Educação Física Escolar

Especialização em Avaliação Educacional

Mestrando profissional em Educação Física Escolar

Tempo de Atuação:

Rede Particular

2008-2013

Rede Municipal

2011- Atualmente

Pensando o Lazer como um campo interdisciplinar, qual a relação que você observa entre Lazer e EF escolar? Você acredita ser importante pensar na perspectiva da educação para e pelo lazer?

Então eu acho que, na verdade a Educação para o Lazer eu acho que ela talvez seja um dos princípios básicos da legitimidade da Educação Física escolar, Educação Física estar presente na escola. A gente tem que pensar que existe uma cultura geral, uma cultura social. E cada sociedade tem uma dinâmica cultural e a escola ela trata principalmente dessas dinâmicas culturais separado em conteúdos específicos que vão ser absolvidos por cada disciplina. No caso da Educação Física ela vai absorver a questão do corpo em movimento, as práticas corporais culturais. Alguns chamam de cultura corporal do movimento, cultura do movimento, cultura corporal somente. Mas a questão é a utilização do corpo na nossa sociedade tendo diversas práticas. E nesse sentido educar para o lazer se torna um dos princípios básicos da nossa presença aqui na escola. A gente pensa que o objetivo maior da educação é preparar o aluno pra se tornar um cidadão, ou seja, ele conseguir conviver dentro de uma sociedade de acordo com suas regras e de acordo com sua dinâmica, mas como uma pessoa autônoma, crítica, que não só, que participa ativamente da sociedade. Então a EF ela vai educar também para o lazer, para que

ele possa ser né, a gente pode falar também que é uma educação para o consumo né, porque ele o tempo inteiro vai usufruir do seu corpo e das práticas corporais gerais que existem na nossa sociedade. Então ele vai usufruir do lazer o tempo inteiro. Seja assistindo um jogo de futebol, seja em um fim de semana no clube, seja em um parque, se ele for fazer um passeio com a família. Então o lazer é um princípio básico da sociedade, ele é um direito do cidadão. E muito mais do que um direito eu acho que ele tem que ser algo que cada pessoa entenda como uma obrigação, apesar que é difícil tratar o lazer como obrigação que é algo espontâneo, mas acho que todos devem ser educados para o lazer. E aí a gente pensa que a Educação Física vai tratar disso pedagogicamente. Mostrando as diversas práticas corporais além de outros objetivos que também apresentar as diversas construções culturais, as diversas produções da cultura do movimento para que ele entenda e conheça também é importante. Mas eu pauto sempre nessa lógica de se educar para o lazer né. Então pra mim o lazer ele é quase que a totalidade da Educação Física escolar.

Qual a importância de se trabalhar o Lazer na EF escolar para a formação dos sujeitos/alunos?

É eu já, mais ou menos acho que eu respondi. Que é dentro dessa lógica, se a gente tem uma sociedade que oferece diversas situações para qualquer indivíduo, então a escola, a escolarização é esse processo de talvez esclarecimento, vamos pensar assim, sendo um pouco ^{adorniano} aí. Um projeto de esclarecimento dos alunos, dos indivíduos para que eles consigam consumir de forma consciente. A educação Física mais voltada para o corpo e pro lazer. Então é como eu falei, se o aluno vai assistir um futebol, que ele entenda que ele pode querer jogar o futebol. Então eu acho que a Educação Física também tem que se preocupar com isso, para que ele consiga minimamente entender o jogo para que ele se quiser praticar ele tem um mínimo de elementos. Não só teóricos, mas também práticos, que ele consiga jogar um pouco, que ele tenha tido durante a experiência escolar dele, oportunidades de ter a prática pra que ele melhore naquela prática, pra que ele se torne mais confiante pra praticar. Mas também se for uma opção dele apenas, por exemplo, assistir, ser um espectador. Independente da opção pela prática ou por assistir, por exemplo, ou ser um consumidor, isso é uma prática de lazer. Então ele tem que ter um mínimo de conhecimento pra ele ser autônomo em relação aquilo. Assisti um futebol acontece essas questões de troca de horários de jogo por causa da mídia. Ele tem que entender, qual é essa relação da mídia, por exemplo, com o esporte? Porque que uma manifestação que é tão popular no Brasil em alguns momentos se torna tão elitizada? Porque que o acesso aos estádios não é mais como era antigamente? Então todas essas questões, todas essas problematizações elas envolvem a Educação Física escolar, relativas principalmente ao lazer. Entender todas, é difícil falar todas, mas entender as manifestações corporais para além daquilo que é só colocado pela sociedade, que ele tente ter uma visão mais ampliada e mais crítica.

E a partir disso, quais são as possibilidades da relação entre EF escolar e lazer para a aula de EF escolar? Como você pensa essa relação em suas aulas? Como você trabalha em suas aulas?

Então, assim a relação acho que ela é total. Como falei, é muito difícil, eu não consigo pensar em uma aula de Educação Física que se desassocie do lazer. O que eu falo com os meninos é que não necessariamente, na verdade, a aula de Educação física não é uma aula de lazer. É uma aula que ela é obrigatória, ela tem um objetivo que muitas vezes é definida por uma pessoa externa, no caso o professor. Então para aquele aluno individualmente aquilo não é um momento de lazer, apesar que ele pode tratar aquilo como um momento de lazer dependendo da individualidade de cada um. Mas ela não é pensada para isso, ela não é um momento de lazer é um momento de se educar para o lazer. Então as possibilidades que eu vejo na verdade, a aula, você ter duas horas, no meu caso, duas horas por semana é que é a possibilidade. Porque o tempo inteiro, eu tou atualmente no conteúdo de jogos e brincadeiras. Então uma das coisas, por exemplo, com o meu nono ano é a gente conceituar o que são jogos e brincadeiras, diferenciação do esporte e ter as práticas de jogos e brincadeiras populares, por exemplo, que a gente dá novos significados, dá novas possibilidades. Então quando os alunos estão ali construindo uma atividade ou aprendendo uma nova atividade eles estão se educando para o lazer. Então as possibilidades são gigantescas. Eu acho que a todo momento quando você está trabalhando práticas corporais você está educando para o lazer. Como eu trabalho nas minhas aulas? Eu tento pros meus alunos, principalmente porque infelizmente na prefeitura aqui a gente não tem uma sequência, um currículo de anos na Educação Física escolar, por exemplo, fundamental 2, do primeiro ao nono ano, a gente não consegue manter uma sequência. Porque os professores não trabalham da mesma forma. Então quando eu pego, por exemplo, os alunos do nono ano que é a série que eu dou aula todos os anos desde 2011, eu tento oferecer o maior número de práticas possíveis. Então eu tento ampliar os conteúdos de aula e dentro desse conteúdo eu tenho diferentes problematizações. Então no conteúdo de voleibol, além da prática de voleibol, que eu quero que os meninos aprendam a jogar também, a gente discute, por exemplo, a questão da mudança de regras, que talvez seja o esporte onde a mídia mais teve influência em uma mudança de regra. Então a partir do exemplo do voleibol eu quero que eles entendam, por exemplo, a questão da influência midiática no meio esportivo. Quando eu vou trabalhar, por exemplo, o futebol. Além do conteúdo do futebol, a gente trabalha um pouco questões relacionadas a sociedade, como o racismo, as questões, o machismo que ainda existe dentro do futebol. Então assim, dentro da maior variedade de práticas possíveis, eu vou tentando pegar esses temas que eu acho que são transversais também, que eu acho que são temas sociais e apresentando pros alunos pra que além da prática a gente consiga fazer problematizações e criando, conscientizando, criando uma criticidade maior nos alunos.

Pensando nessas possibilidades, como você observa a questão da utilização dos espaços públicos da cidade pela aula de EF escolar, entraria na relação Lazer e EF escolar?

Eu acho a questão da utilização de espaço público pela aula de Educação Física escolar, eu acho que varia de acordo com as realidades. Por exemplo, eu conheço

escolas que as vezes não tem um espaço tão amplo, mas logo na frente da escola tem uma grande praça que os meninos usam mais. Então, por exemplo, eu tenho o privilégio, aqui na escola, eu tenho 7 quadras, eu tenho 4 quadras de peteca e 3 quadras poliesportivas. Então eu tenho um espaço bem legal pra trabalhar assim e eu não tenho como prática levar os alunos, por exemplo, pra essa questão de utilização de espaços públicos como um objetivo de aula. As vezes quando a gente leva para uma excursão, pontualmente eu posso colocar isso como objetivo, mas no geral a grande maioria das minha aulas eu trabalho dentro da escola. Eu vejo, por exemplo, outros professores têm outras práticas. Igual eu falei, depende muito da realidade de cada lugar. Tem um amigo meu que enfrente a escola dele, exatamente em frente, tem o campo de futebol do bairro, então ele dá muitas aulas lá. Então eu acho que isso ai vai depender um pouco até de uma logística da própria localização mesmo da escola. Agora, eu acho que independente de você utilizar ou não, é necessário que a Educação Física incentive, ou tenha esse processo de discussão com os alunos sobre essa utilização. Por exemplo quando eu trabalho com os alunos o slack line. Uma das primeiras, um dos temas que eu coloco dentro do slack line é essa utilização do espaço público. Porque é talvez, vou estar sendo bem empírico aqui, não sei, eu não tou falando com dados, mas talvez seja de todas as atividades corporais que a gente tem atualmente a que mais se utiliza de espaços públicos. Porque não tem locais privados que você paga pra fazer slack line. Assim, você não vai alugar uma quadra pra fazer slack line. Você chaga em uma praça, tem duas árvores e você utiliza. Então eu trabalho muito com os meninos a questão do lazer nos espaços públicos em algumas atividades. Então, aqui perto, relativamente perto, a gente tem uma avenida que tem muita árvore e que também tem uma quadra. Ai eu discuto com meus alunos, como que é essa utilização dessa quadra? Ela é muito utilizada? Só se joga futebol? Porque que se joga só futebol? Ai por exemplo, dentro do conteúdo de futebol vai essa questão da popularização do futebol no brasil. Então porque nos espaços públicos raramente você vai ver um jogo de vôlei? Isso tudo são temas que vão durante o ano indo e voltando. Então, apesar, quando eu faço o slack line eu não vou com os alunos pra fora da escola porque a gente tem as arvores aqui, a gente faz aqui dentro. A minha forma de trabalho com eles é exatamente isso, que a cidade ela ta ai, ela tá ai pra, nós somos cidadãos, todo mundo aqui é cidadão, a gente paga imposto, a gente tem direito ao lazer. A utilizar esses espaços. Então quando você vai pra rua pra um bloco de carnaval, quando você vai pra rua pra praticar um esporte, quando você vai fazer uma corrida é de responsabilidade também do poder público oferecer espaços públicos de lazer. E eu sempre, uma coisa que eu sempre procuro trazer para os alunos são os projetos que essas ONGs, que essas OSCIPs têm aqui perto. A gente tem um parque que é o parque da Taborda que tem alguns projetos. Então eu sempre faço algumas parcerias com o pessoal de lá vim aqui pra oferecer para os alunos. E além das atividades orientadas, também incentivo aqui, o próprio slack line. Que eles possam usufruir desse espaço. Se for de interesse, que tem algum colega que tem, que tem um grupo que faz. Vai pra parque, vai pras praças, utilizem a cidade muito mais do que apenas para morar. Então eu acho que é independente de ter a prática ou não fora da escola, é de responsabilidade também da Educação Física a conscientização e o incentivo que os alunos utilizem a cidade como forma de lazer de acordo com as diversas possibilidades que vão ter, ou no seu bairro ou na cidade como um todo.

Se sim, como você acredita que a aula de EF deva trabalhar a utilização dos espaços públicos da cidade?

Se deve ir ou não deve, completando o que você falou...

Essa questão do deve ir não deve eu acho que não tem nada errado e nada certo assim. Talvez seja as coisas que são mais indicadas e menos indicadas, mas isso é dentro de cada realidade. Quem sou eu pra falar se um professor deve ou não sair da escola com suas turmas. Cada um sabe sua realidade. Eu como uma prática minha, eu prefiro, até por uma logística maior, eu tenho uma hora de aula, então eu não tenho um espaço, tão próximo, por exemplo, pra ir a pé. Então até por uma logística e como eu tenho muito espaço dentro da minha escola - o espaço da minha escola é bem satisfatório pras práticas que eu proponho - a saídas da escola são como uma organização maior de uma excursão, a gente precisa pegar um ônibus, alguma coisa do tipo. Você sair pra algum lugar, por exemplo, a pé, só a demanda de tempo pra deslocar de tempo pra voltar, você teria que fazer uma organização bem maior. Então é uma coisa que eu prefiro fazer pontualmente, não tenho essa prática. Aquele professor que opte, "não mesmo assim eu acho importante", é uma opção dele. Aquele outro, igual eu falei um amigo meu que logo em frente a escola, atravessando a rua tem um campo de futebol. Com certeza a utilização dele é totalmente diferente. Talvez o tempo que ele se desloque para ir para o campo de futebol é o mesmo que eu me desloco pra ir pra quadra da escola. Então a utilização do espaço público dele é até por uma questão geográfica. Como a escola deva trabalhar? Foi como eu falei, eu acho que ela deve trabalhar principalmente na questão da conscientização. Que existem espaços públicos, que esses espaços, o nome público, aquilo é do público mesmo. Esses espaços são das pessoas. E aí eu tenho trabalhado dentro de duas perspectivas, na perspectiva do uso e da conservação. A gente vê até aqui na escola mesmo, a escola pública, que a gente tem escola aberta, a gente tem as vezes colônia de férias, é, a gente tem a utilização pelos alunos. Então eu falo com os meninos, por exemplo, "vocês podem vir aqui fim de semana jogar futebol, a escola é aberta, vocês pode vir". Eu incentivo isso, mas qualquer problema que a gente tem ou na aula de Educação Física ou Escola aberta a gente ter uma depredação e tal, eu também volto a falar com os alunos, retomo com os alunos a questão de como a gente vai utilizar um espaço que é nosso de forma negativa. Se a gente chega, por exemplo, na segunda feira, aí a tabela de basquete foi quebrada ou teve uma pixação na quadra. E aí toda essa conscientização, porque não é só do uso, é do cuidado, da conservação. Então eu acho que são duas vertentes. Nessa vertente da conservação o principal é conscientizar que aquilo é dele, que aquilo não é da prefeitura. A escola pública não é da prefeitura. O prefeito vai mudar todo ano vai mudar, os gestores vão mudar, os professores das escolas vão mudar. A escola continua, ela é lugar público, ela é lugar social. Então acho que a primeira coisa é conscientizar cada aluno ali que todos esses lugares eles são parte da vida dele. Então assim, aquela praça que tá lá que às vezes ela é mal cuidada, se as próprias pessoas que utilizam não conservam fica difícil também de cobrar do poder público que conserve. Se você vai lá, tem uma depredação aí vem a prefeitura, gasta X pra reformar. Passa uma semana uma nova depredação, vai chegar um momento que aquele espaço não vai ser mais prioridade pra prefeitura. Não vou fazer juízo de valor se deveria ou não ser, mas a própria população que não soube utilizar, ela tem a parcela de culpa também de aquele espaço naquele momento não tá adequado pra uma prática. Então a primeira

coisa é essa. E aí quanto mais eles têm dentro da Educação Física escolar esse trabalho de conscientizar para o lazer, que o lazer é importante, que a atividade física é importante, que independente das preferências existem várias possibilidades de você ter práticas de lazer. Quanto mais você amplia para os meninos esse capital cultural de atividades e conscientiza seus alunos que eles, da importância disso, eu acho que mais eles se propõem. E quanto mais eles se propõem mais aumenta o sentimento de pertencimento. Se aquele aluno ele começa, por exemplo, um conteúdo que seja, se for um slack line ou simplesmente se ele pensa assim "atividade física é importante", pode não ser nem pro lazer, pode ser por uma questão de saúde, mas se ele pensar "então eu vou começar a fazer uma caminhada ou correr", a gente tem aqui perto uma pista de caminhada, de corrida. E ele começa 2 a 3 vezes por semana a correr ali, a relação dele com a cidade muda, a relação dele com o espaço muda. Que aí que ele vai ver o tanto que é importante que aquele espaço esteja limpo, aí que ele vai ver que é importante que aquele lugar esteja bem cuidado. Então da próxima vez que ele estiver andando na rua que ele vai jogar um lixo, ele pensa duas vezes. Porque ele usa a rua. Ele usa a rua não só para deslocar. Ele usa como momento de lazer ou como momento de saúde. Quando ele vai numa praça, num parque, se ele vai fazer qualquer tipo de depredação, mas ele tem o uso ali diário, ou naquela praça ou naquele parque, ou em outras praças ou em outros parques. Ele tem o uso que é pra jogar um futebol, que é pra encontrar com os amigos que seja e que incomoda ele que tem um lugar que seja pixado e sujo ele não vai fazer isso em outro local. Então eu acho que essas duas conscientizações da conservação e a conservação passa muito pelo incentivo a utilização. Eu listo com meus alunos os parques, as coisas que eles têm próximas aqui. A quadra que a gente tem ali perto. A própria escola nossa que é aberta fim de semana. E graças a Deus a gente tem, por exemplo, aqui na escola muitas quadras e a gente tem a escola aberta já tem alguns anos. E nós temos pouquíssimos casos de depredação. Eles quase não acontecem. Porque eu acho que, a escola é ocupada não por alunos, é pela comunidade em geral. Mas eu acho que a própria comunidade aqui perto ela já entendeu que ter um espaço grande estruturado como esse pra ele é muito importante. Então assim, conservar o espaço público é se conservar. É conservar o seu bem estar, mais uma possibilidade. Então eu acredito que esse trabalho, como eu disse, ele tem que ser diário, o tempo inteiro com os alunos conscientizando eles para o lazer, para as práticas de lazer e também para conservação desses espaços, não só os dentro da escola como fora da escola.

Quando você faz excursão, quais espaços você leva os meninos?

Olha, varia. A prefeitura tem alguns projetos. Depende do ano, depende do governo. Assim, a gente sabe que com o poder público tudo muda o tempo todo. Mas por exemplo, já tem alguns anos desde que o último prefeito Alexandre Kalil entrou, que a prefeitura fez uma parceria com os times de futebol. Então já tem três anos que eu levo meus alunos no campeonato mineiro para assistir jogo do Atlético e do Cruzeiro. Ano passado pela primeira vez o Cruzeiro não quis participar e eu só pude levar no Atlético. Esse ano já perguntei parece que deu uma agarrada, eles ainda não sabem como que tá. Aí por exemplo, quando tem essa possibilidade eu levo. Aí ano passado, um outro exemplo, tinha um projeto que é academia do skate, que é um projeto de uma ONG da Movimenta Brasil, que tava utilizando os shoppings de Belo Horizonte para dar oficinas de skate gratuitas. Aí eu pesco essa possibilidade aí eu

levo. Eu tento sempre quando eu vejo possibilidades que eu acho que são interessantes para os alunos de ocuparem espaços - independente de serem espaços públicos ou privados - que muitas vezes eles não tem acesso, ou por questões econômicas ou por questões de logística, ou por que não conhecem, eu tento sempre buscar. Não tem nenhuma excursão que eu faça anualmente, que eu fiz todos esses últimos anos. Essa do estádio eu gosto muito. Porque a gente sabe que infelizmente o estádio de futebol é uma coisa que tá se tornando cada vez mais elitista. E ainda pensando que o futebol, talvez de todos os esportes que a gente tem mais populares, ainda é o mais machista também. Então se você for fazer um levantamento das alunas na adolescência que gostam de futebol, têm muitas. Mas que já tiveram possibilidades de ir em um campo de futebol, são poucas. Com os meninos também são poucos, mas ainda uma porcentagem muito maior que das meninas. Então eu acho que é super interessante aí eu separo e levo metade meninos metade meninas e é pra grande maioria dos alunos é a primeira vez no estádio de futebol. E alguns reclamam, por exemplo, que os pais vão, mas eles não vão. Aí também existe uma questão até financeira, com um ingresso de 30/40 reais. Muitas meninas reclamam que o pai não gosta de levá-las. Então assim, é uma excursão que eu gosto de fazer. Eu já levei meus alunos pra espetáculo de dança, por exemplo, trabalho com o 9º ano a dança de salão. E a dança de salão ainda é algo um pouco elitizado. Você tem as academias são academias pagas. Não é algo que chega, por exemplo, na periferia de uma forma tão acessível assim. Eu conheço poucos projetos, por exemplo, de ensino de dança de salão em periferias. E aí eu trabalho com os alunos do 9º ano dança de salão. E aí eu já tive a possibilidade de levá-los por exemplo para assistir um espetáculo da Mimulus, que é uma das maiores escolas de dança de salão do Brasil. Porque a Mimulus fez uma parceria com a prefeitura e aí eu rapidamente peguei. Fui uma das poucas escolas que conseguiu. Então eu levei os meus alunos para assistir um espetáculo que era privado, um espetáculo que talvez poucas pessoas tem acesso. Não só pelo custo, mas também pelo desconhecimento. E aí foi uma oportunidade que eu peguei. Levei, por exemplo, igual eu falei do skate. Aí eu levei os alunos no shopping para andar de skate. Então varia muito, eu não nenhuma excursão pra falar assim "vamos lá no mineirão só pra utilizar aquela parte ali". Que poderia ser também, mas a gente tem uma dinâmica escolar tão corrida de tanta coisa pra fazer, que quando a gente para pra falar e pensar que a gente vê quantas outras possibilidades não tinha. Eu já levei, por exemplo, os alunos no parque das mangabeiras e aí pra praticar atividades também. Então eu tento sempre pegar pelas oportunidades que vão aparecendo. A gente passou alguns anos na prefeitura também, com dificuldade pra conseguir até ônibus pra excursão, por causa de verba e tudo. Isso pelo menos tem melhorado um pouco assim.

ANEXO II - Transcrição Entrevista Professor B

Nome: Professor B

Idade: 40 anos

Formação:

Educação Física

Licenciatura e Bacharelado (2004)

Pós graduação:

Especialização em Educação Física Escolar (2012)

Mestrando no Programa de mestrado profissional

Tempo de Atuação:

Rede Municipal

2005 . Atualmente

Rede Particular

2006 . Atualmente

Pensando o Lazer como um campo interdisciplinar, qual a relação que você observa entre Lazer e EF escolar? Você acredita ser importante pensar na perspectiva da educação para e pelo lazer?

Então, eu tomei contato com essa discussão mais aprofundada do Lazer na Graduação, mas percebo hoje que foi um contato assim ainda bem superficial, sabe. Fazendo um resgate assim na minha história já no magistério eu tento sempre dialogar e conversar com os meninos nas aulas, propor as atividades, formatar as atividades de forma que eles consigam nos espaços que eles vão ocupar de lazer, usufruir dessas práticas com uma certa autonomia e com aqueles valores que a gente considera que são justos. Eu percebo muito assim, que nossos alunos eles não tem muita vivência. Na verdade se pensar no entorno da escola eles não tem muitas opções de lazer. Não tem muitos espaços de lazer. Tem uma praça que oferece espaços para práticas variadas. Quase a totalidadedos alunos querem jogar futebol no seu tempo livre, tempo de lazer. As meninas a maioria das vezes nem futebol, gostam mais hoje de ficar no celular, conversando e tal. Então assim, durante as aulas eu tento fazer esse dialogo com os meninos, primeiro no sentido de ampliar as possibilidades de uso de práticas corporais nos momentos de lazer, não

são só os esportes. Mas eu não tenho aprofundado muito assim na discussão. Até mesmo porque eu acho que essa faixa etária é mais complicado a gente aprofundar em determinados conceitos. Mas eu tento no decorrer das aulas mostrar pra eles que eles podem primeiro utilizar outras práticas. E que essas práticas elas podem ser práticas muito mais prazerosas de fazer, não negando a competição, mas mostrando pra eles mesmo que existem outras possibilidades de usufruir isso.

Qual a importância de se trabalhar o Lazer na EF escolar para a formação dos sujeitos/alunos?

Eu tenho percebido assim, cada vez mais o tempo livre sendo um tempo condicionado já assim. O nosso tempo livre está cada vez menos livre para gente escolher as coisas que a gente quer fazer. Os nossos alunos, acho que eles são massacrados assim pelas mídias, pela indústria cultural que impõem. Então o lazer ele é muito mais visto como consumo, tem que consumir aquele lazer, então virou um produto mesmo. E muito menos aquele tempo que você tem liberdade para escolher o que você vai fazer, você tem opções, você tem autonomia para fazer essas escolhas. E assim eu não trabalho com os alunos, pelo menos aqui na escola da prefeitura, também por aquilo que falei da idade, eu não aprofundo no conceito de lazer, no que que é o lazer. Lá no ensino médio na escola particular eu já consigo entrar nessa discussão com os alunos. Mas eu tento, aquilo que te falei assim, eu tento na medida do possível fazer com que eles percebam que eles tenham possibilidades. Eles podem nesse tempo livre criar, criar jogos, criar brincadeiras, que esse tempo também não precisa ser só de prática corporal no sentido de fazer alguma atividade física, pode simplesmente ser um tempo de leitura, de escutar uma música, de ver um filme, mas que tem que ser algo, no meu entendimento, que não tem que ser um prêmio, você fez as obrigações e agora você vai ter como recompensa aquele tempo de Lazer. O lazer é um direito extremamente fundamental. Eu acho que assim, dependendo da forma como o lazer - ele é apropriado esse tempo - ele serve muito para formação do indivíduo mesmo assim. Mas acredito que a indústria cultural tem massacrado assim, diminuído cada vez mais as nossas possibilidades de usufruir nesse tempo. Você vai por exemplo nas praças públicas aí. Você vai ter o que? Quadras. Os meninos vão acabar reproduzindo então as práticas só esportivas. Então eu vejo que a Educação Física tem um papel fundamental no sentido de mostrar para o aluno, capacitar o aluno a usufruir com um pouco mais de autonomia esse tempo livre dele. Acho que o papel nosso é essencial. Eu visto aqui a carapuça, acho que tenho que aprofundar um pouquinho mais nessa discussão. Assim, no campo teórico não é algo que eu estudo muito a fundo. Mas nas minhas aulas é isso que eu falei, eu tento fazer com que os alunos percebam que eles tenham possibilidades de usufruir esse tempo aí.

E a partir disso, quais são as possibilidades da relação entre EF escolar e lazer para a aula de EF escolar? Como você pensa essa relação em suas aulas? Como você trabalha em suas aulas?

Igual eu falei, o trabalho meu, eu não discuto o lazer no campo conceitual, pelo menos com os alunos do final do segundo ciclo, que são as turmas eu estou trabalhando aqui na prefeitura. Primeiro existe uma comparação, acho que histórica

ai, que o reconhecimento da educação física como tempo de lazer, a relação já começa ai assim. Os meninos, os alunos, os pais, muitas vezes os professores entenderem o espaço da aula de Educação Física como um espaço de lazer e entender esse espaço de lazer como o aluno simplesmente fazer aquela prática que ele quer fazer. Mas eu acho que a Educação Física ela tem elementos, conhecimentos que são necessários de se transmitir aos alunos para elevar o patamar reflexivo, intelectual do aluno. Claro, adequando a idade deles, mas eu acho que a relação é extremamente próxima. Não limitar, por exemplo, a aula de Educação Física a recreação e lazer. Que é o que eu sempre ouvi na minha graduação. Acho que assim, é a gente ter o lazer presente nas aulas de educação física enquanto conteúdo, enquanto tema a ser discutido, mas não fazer da Educação Física um momento de recreação e lazer. Eu percebo que, eu falo por mim mesmo, que a politização do tempo, a gente está cada vez mais atarefado nas coisas para fazer, então cada vez menos tempo livre. Esse tempo da gente parar, olhar para dentro, tempo de a gente trabalhar com nossa sensibilidade. O lazer eu acho que ele vai muito atuar nesse campo do sensível mesmo. Acho que a relação ela é muito próxima, mas tomar esse cuidado, de não fazer da Educação Física um tempo de Lazer, pensando dessa forma. Mas o Lazer estar presente como tema de discussão, como conteúdo. E a gente através das atividades que a Educação Física oferece temos que fazer de uma maneira, fazer com que os alunos usufruam dessas atividades no tempo de lazer. Mas também mostrar pra eles, igual eu disse anteriormente, que existem outras possibilidades de usufruir do lazer que não são necessariamente só as práticas de exercício físico.

Pensando nessas possibilidades, como você observa a questão da utilização dos espaços públicos da cidade pela aula de EF escolar, entraria na relação Lazer e EF escolar?

Eu acho que é pouco utilizado, é menos comum assim. Apesar da prefeitura ter a cidade como espaço educativo, entender a cidade como espaço educativo, não é tão simples a gente ficar saindo com os alunos toda hora, na escola assim. Mas eu acho que a gente faz um uso dos espaços públicos bem, bem restrito. Acho que tem várias possibilidades de uso. Por exemplo, em museus. A Educação Física ocupa pouquíssimo esse espaço. Por exemplo, eu levei os alunos já várias vezes ao museu do Mineirão. Mas ali eu acho que é algo que limita um pouco a atuação do professor. Então eu acho que falta talvez um diálogo também desses espaços públicos com os professores na escola para pensar um projeto de acolhimento desses alunos de forma que atenda a um projeto, também atenda a um projeto da escola e não só o projeto que eles pensaram, que eles idealizaram. Nessas visitas minhas ao museu do Mineirão por exemplo, várias informações que foram passadas pros alunos pelos monitores que recebem eles, foram informações equivocadas com relação a dado histórico do futebol, da presença da mulher no futebol, ai eu problematizava isso com os alunos na escola. Então eu acho que também ter esse dialogo dos espaços públicos com os professores da escola de alguma forma de construir esse dialogo. E talvez a prefeitura disponibilizar, o próprio professor, ai eu também acho que é uma falha minha, correr atrás de pesquisar quais espaços públicos são possíveis, a gente usufruir pra fazer essa discussão do uso do lazer. Pensando por exemplo que o museu do mineirão não é um espaço gratuito. Os alunos pagam, a escola paga. Ai você tira, quantos espaços gratuitos nós temos

hoje que os alunos podem usufruir? Ai eu acho que é um campo, é um caminho, mas que eu acho que a gente ainda está engatinhando assim no uso desses espaços de lazer, sabe. Pelo menos da minha parte eu acho que ainda eu posso avançar muito nessa relação da escola, da educação física escolar com os espaços.

E pra além do museu, você utiliza outros espaços?

Eu fui já, visitei museu, no caso só o museu do futebol. Não fui em outros museus. E clubes assim, sai com os meninos. A gente não tem ido em outros espaços não.

Mineirão talvez...

Levei os meninos pra ir ver um jogo de vôlei lá na arena do minas, levei pra ver um jogo de futebol no independência, mas são coisas pontuais assim. Não foram projetos. Tirando a visita ao museu do mineirão e a federação mineira de arqui flecha que a gente foi com proposta, tinha todo um projeto, os meninos tinham que fazer um trabalho bem específico com isso. A ida aos jogos tanto de vôlei quanto de futebol foi uma coisa bem pontual, não foi um projeto pensado. Eu acho que tem que avançar. E eu sinto falta de material. Pode ser até que essa produção nos últimos anos tenha sido feita, mas eu sinto falta desse material. De ter para o professor propostas, modelos. Não modelos fechados, no sentido assim de um manual que o professor tem que seguir, mas trabalhos. Ou de conclusão de curso de graduação ou de mestrado, ou de especialização que faça essa discussão da educação física escolar com os espaços públicos de lazer. Eu particularmente, também não é algo que eu procurei muito, mas eu não tenho muito conhecimento de trabalhos realizados nessa área que subsidiam, favoreça que os professores trabalhe essas questões não. Eu acho que é um caminho que pode ajudar. De repente um roteiro de espaços públicos que possam ser utilizados, de exemplos de práticas que já foram, já foram realizadas por outros professores, enfim, acho que é isso.

Se sim, como você acredita que a aula de EF deva trabalhar a utilização dos espaços públicos da cidade?

Acho que o primeiro movimento - tou aqui pensando como se eu fosse fazer um trabalho com meus alunos nesse sentido - seria um mapeamento de qual seriam esses espaços. Pras eles conhecerem os espaços que a cidade disponibiliza pra usufruto deste no momento de lazer. Eu acho que muito deles nem sabem, não tem conhecimento dos parques municipais. O que cada parque municipal oferece, as praças, museus. Eu falo museu com acesso gratuito, não museu como é o museu do mineirão, por exemplo, que você paga. Acho que o primeiro movimento seria esse, de conhecer, mapear e conhecer esses espaços. Ai o segundo movimento, que eu acho que é o real que eu precisaria construir - mediante esse levantamento dos espaços . o que que é possível de se construir na relação da Educação Física com aquele espaço específico. Quer dizer, hoje eu não daria conta, não dou conta de te responder. Acho que analisando o espaço, vendo o que que ele oferece, quais práticas que os alunos podem usufrui daquele espaço, sejam elas práticas esportivas ou não, a gente construir essa relação, dialogar. Se eu fosse começar hoje um projeto de reflexão e discussão com os alunos sobre Educação Física e

Lazer nos espaços da cidade, o primeiro movimento que eu faria seria esse: Quais são esses lugares? Como é o acesso a esses lugares? É gratuito, não é? É fácil ou não? No meu bairro tem? Porque muitas vezes os meninos não conhecem o entorno deles aqui da escola. Perto da escola tem espaço de lazer? Ai vem outra discussão, o que que é lazer pra eles? As vezes o que é lazer pra mim não é lazer pro meu aluno. Então criar também esse conceito com eles do que seria o lazer. O lazer hoje é totalmente vinculado ao seu tempo de não trabalho. Se você não está no seu tempo de trabalho é seu tempo de lazer. Mas não necessariamente você está usufruindo desse tempo com qualidade. Muitas vezes a gente usufrui desse tempo muito mais com movimentos, ações, práticas que certa forma são impostas por uma indústria do entretenimento. Cinema, você vai no cinema hoje é caríssimo. Vai no cinema 3D é caríssimo. Acho que é isso, não sei te responder uma relação mais aprofundada, eu acho que eu teria que construir essa relação mediante esse levantamento dos espaços.